



CRB

ABRIL 2009 • XLIV • nº 4

CONVERGÊNCIA

- Espiritualidade que gera militância
- O herdeiro e a vinha. Reflexões à luz de *Nostra Aetate*, n. 4
- Vocação à santidade: dom, compromisso e profecia
- Re-encantar-se no princípio... (1ª parte)

Editorial

A experiência da Ressurreição de Jesus.....	185
---	-----

Palavra do Papa

Mensagem do Papa Bento XVI para o 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais ...	188
--	-----

Informes

I Encontro Internacional de Revistas de Vida Religiosa.....	194
Tráfico de pessoas: uma grave violação dos Direitos Humanos.....	195

Artigos

Espiritualidade que gera militância – CARLOS JOSAPHAT, OP.....	198
O herdeiro e a vinha. Reflexões à luz de <i>Nostra Aetate</i> , n. 4 – ÁFLA L. PINHEIRO DE ANDRADE	215
Vocação à santidade: dom, compromisso e profecia – VINÍCIUS AUGUSTO R. TEIXEIRA, CM.....	226
Re-encantar-se no princípio... (1ª parte) – TEA FRIGERIO	245

Esta revista segue a nova ortografia da Língua Portuguesa.

A ilustração da capa, de Ir. João Anderson S. Pereira, msc, mostra um pingo d'água que brota da folha da esperança, como orvalho sobre o deserto, e gera ondas. Uma faixa vermelha atravessa o desenho, simbolizando o projeto do Reino que, como sangue sustenta a vida, e é presença do Espírito Criador e Salvador que impulsiona e sustenta a caminhada da vida religiosa.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATORA RESPONSÁVEL

Ir. Maria Juçara dos Santos
MTb 8105

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora:

Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp

Conselho editorial:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst

Ir. Maria Freire, icm

Pe. Cleto Caliman, sdb

Pe. Francisco Taborda, sj

Pe. Jaldemir Vitório, sj

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507

Ed. Venâncio II

70393-900 – Brasília – DF

Tels.: (61) 3226-5540

Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2009: Brasil: R\$ 84,00
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,40 ou US\$ 8,40

A experiência da Ressurreição de Jesus

185

EDITORIAL

O Tempo Pascal que estamos vivendo caracteriza-se como um período particular de vivência da Páscoa de Jesus, mistério central da nossa fé cristã. A Ressurreição de Jesus é um acontecimento sem precedentes na história humana, ultrapassa a nossa compreensão; é uma verdade primordial da fé cristã, que necessitou de tempo para ser formulada como artigo central do Creio. Acima de tudo, é uma experiência que tocou profunda e radicalmente a existência dos primeiros discípulos e discípulas e transformou suas vidas.

De acordo com os escritos do Novo Testamento, a Ressurreição de Jesus não é um fato do passado, mas o início de um processo que se estende a todos os seres humanos. O apóstolo Paulo ensina que Jesus Ressuscitado é o “Primogênito dentre os mortos” (Cl 1,18).

Como seguidores e seguidoras de Jesus, celebramos anualmente o grande mistério da Páscoa de Jesus, sua passagem da morte para vida. Mas será que, como aconteceu com os primeiros discípulos e discípulas, a experiência da Ressurreição de Jesus está transformando progressivamente a nossa vida? Apesar da maldade, da violência, do desrespeito à vida humana, que imperam no mundo e no coração das pessoas, acreditamos na vitória da vida? Ou nos deixamos tomar pelas incertezas, pelo medo, pela incredulidade?

Para viver nosso seguimento de Jesus à luz da Ressurreição, é importante ter presente que a história de Jesus de Nazaré não termina na cruz, porque o Deus fiel o ressuscitou dos mortos. A cruz de Jesus não é a última e derradeira palavra sobre ele, nem a cruz dos povos crucificados é o último e definitivo jul-

gamento sobre eles. A cruz e o sofrimento não são a última palavra sobre nossa sociedade conturbada. A última palavra é a da vida em plenitude, quando Cristo será “tudo em todos”.

Outra realidade importante para a vivência da Ressurreição é a identificação do Ressuscitado. No Novo Testamento (cf. Jo 20,25-28) existe uma total identificação do Ressuscitado com o Crucificado. O Ressuscitado é o Crucificado. A Ressurreição é anunciada em unidade com a cruz de Jesus (1Cor 15,3ss) não apenas no sentido de justaposição lógico-cronológico, mas no sentido mutuamente explicativo: “Jesus [...], vós o matastes [...] Mas Deus o ressuscitou [...]” (At 2,23s). Além de relacionar a Morte com a Ressurreição, o Novo Testamento especifica o tipo de morte sofrida por Jesus: morte na cruz.

À medida que assumimos o projeto de Jesus, a Ressurreição vai acontecendo em nossas vidas, mas uma Ressurreição que não está separada do sofrimento e da cruz. À medida que assumimos o projeto de Jesus, sentimos necessidade de tirar da cruz os excluídos para que a plenitude da vida se manifeste no mundo. Viver como ressuscitados é acreditar na presença de Jesus em nós e em nosso meio e vencer, gradualmente, as estruturas de morte que estão dentro de nós e ao redor de nós. É ser como a semente que, passando pelo silêncio e pela escuridão, explode em folhas, flores e frutos.

Fazer a experiência da Ressurreição de Jesus é viver de maneira nova, porque Deus nos transporta da escuridão para a luz, da morte para a vida, suscitando em nós a fome e a sede de justiça e a alegria de participar da nova criação, enfim resgatada do pecado e da morte. É contemplar, com olhos renovados, o progresso da ciência e da tecnologia, como nos convida o Papa Bento XVI em sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, com o tema *Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade.*

A experiência cotidiana da Ressurreição de Jesus gera e ao mesmo tempo alimenta em nós a espiritualidade militante, conforme é apresentada por Frei Carlos Josaphat no artigo *Espiritualidade que gera militância*. Essa espiritualidade só será eficaz se estiver enraizada na contemplação, na união direta, imediata e profunda com Deus, Comunhão de Amor e fonte de solidariedade para a Igreja e para toda a humanidade.

A espiritualidade contemplativa e militante é um processo, exigente e comprometedor, que leva a confrontar a vida com a Palavra de Deus, particularmente no aspecto apresentado por Aíla L. Pinheiro de Andrade no texto *O herdeiro e a vinha. Reflexões à luz da declaração Nostra Aetate, n. 4*. A autora alerta para o fato de que o que aconteceu com os fariseus na época de Mateus pode se repetir, tanto na história da Igreja quanto na consciência de cada cristão: a rejeição aos enviados de Deus e à sua vontade soberana.

O Tempo Pascal nos coloca diante de nossa sublime vocação à santidade, como ideal cristão a ser buscado e vivido, conforme a reflexão de Vinícius Augusto R. Teixeira no artigo *Vocação à santidade: dom, compromisso e profecia*. Três palavras que sintetizam a nossa resposta ao chamado que Deus nos faz: ser santos. Em meio às contradições, conflitos e incertezas, somos chamados a construir uma nova sociedade, pautada nos valores do Reino, até que nos seja dado contemplar a santidade de Deus, vivendo em plenitude o que agora incessantemente buscamos.

Viver esse ideal de santidade é um grande desafio para nós hoje. Tea Frigerio, no artigo *Re-encantar-se no princípio*, 1ª parte, mostra que é urgente *re*-aprender a ler o tempo: tempo de transição e de presença, de inventar os gestos, de preparar, de ver o que não vemos. A autora nos convida a fugir da tentação de olhar para o passado com saudade ou nos fixar em nossa realidade, na vida de nossas Congregações. É necessário alargar nossos horizontes. Sugere uma série de mudanças em nossas atitudes e comportamentos, indispensáveis para vivermos, à luz da Ressurreição de Jesus, este momento de incertezas, mas também rico em oportunidades.

Neste Tempo Pascal, os textos aqui apresentados, redigidos a partir da experiência dos seus autores, querem nos ajudar a viver nosso seguimento radical de Jesus à luz da Ressurreição. Que possamos fazer a experiência de “estar em Cristo”. Porque, como afirma o apóstolo Paulo: “Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas, eis que uma realidade nova apareceu” (2Cor 5,17).

Mensagem do Papa Bento XVI para o 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais

24 DE MAIO DE 2009

***“Novas tecnologias, novas relações.
Promover uma cultura de respeito,
de diálogo, de amizade”***

Amados irmãos e irmãs,

Aproximando-se o Dia Mundial das Comunicações Sociais, é com alegria que me dirijo a vós para expor-vos algumas de minhas reflexões sobre o tema escolhido para este ano: *Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade*. Com efeito, as novas tecnologias digitais estão provocando mudanças fundamentais nos modelos de comunicação e nas relações humanas. Essas mudanças são particularmente evidentes entre os jovens que cresceram em estreito contato com essas novas técnicas de comunicação e, conseqüentemente, sentem-se à vontade num mundo digital que, entretanto, para nós, adultos que tivemos de aprender a compreender e apreciar as oportunidades por ele oferecidas à comunicação, muitas vezes parece estranho. Por isso, na mensagem deste ano, o meu pensamento dirige-se de modo particular a quem faz parte da chamada *geração digital*: com eles quero partilhar algumas ideias sobre o potencial extraordinário das novas tecnologias, quando usadas para favorecerem a compreensão e a solidariedade humana. Essas tecnologias são um verdadeiro dom para a humanidade: por isso devemos fazer com que as vantagens que oferecem sejam postas a serviço de todos os seres humanos e de todas as comunidades, sobretudo de quem está necessitado e é vulnerável.

A facilidade de acesso a celulares e computadores juntamente com o alcance global e a onipresença da internet criou uma multiplicidade de vias através das quais é possível enviar, instantaneamente, palavras e imagens aos cantos mais distantes e isolados do mundo: trata-se claramente de uma possibilidade que era impensável para as gerações anteriores. De modo especial, os jovens deram-se conta do enorme potencial que têm os novos “media” para favorecer a ligação, a comunicação e a compreensão entre indivíduos e comunidade, e usam-nos para comunicar com os seus amigos, encontrar novos, criar comunidades e redes, procurar informações e notícias, partilhar as próprias ideias e opiniões. Desta nova cultura da comunicação derivam muitos benefícios: as famílias podem permanecer em contato apesar de separadas por enormes distâncias, os estudantes e os investigadores têm um acesso mais fácil e imediato aos documentos, às fontes e às descobertas científicas e podem, por conseguinte, trabalhar em equipe a partir de lugares diversos; além disso a natureza interativa dos novos “media” facilita formas mais dinâmicas de aprendizagem e comunicação que contribuem para o progresso social.

Embora seja motivo de maravilha a velocidade com que as novas tecnologias evoluíram em termos de segurança e eficiência, não deveria surpreender-nos a sua popularidade entre os utentes porque elas respondem ao desejo fundamental que têm as pessoas de se relacionar umas com as outras. Este desejo de comunicação e amizade está radicado na nossa própria natureza de seres humanos, não se podendo compreender adequadamente só como resposta às inovações tecnológicas. À luz da mensagem bíblica, aquele deve antes ser lido como reflexo da nossa participação no amor comunicativo e unificante de Deus, que quer fazer da humanidade inteira uma única família. Quando sentimos a necessidade de nos aproximar das outras pessoas, quando queremos conhecê-las melhor e dar-nos a conhecer, estamos respondendo à vocação de Deus — uma vocação que está gravada na nossa natureza de seres criados à imagem e semelhança de Deus, o Deus da comunicação e da comunhão.

O desejo de interligação e o instinto de comunicação, que se revelam tão naturais na cultura contemporânea, na verdade são apenas manifestações modernas daquela propensão fundamental e constante que têm os seres humanos para se ultrapassarem a si mesmos, entrando em relação com os outros. Na realidade, quando nos abrimos aos outros, damos satisfação às nossas carências mais profundas e tornamo-nos de forma mais plena humanos. De fato, amar é aquilo para que fomos projetados pelo Criador. Naturalmente não falo de relações passageiras, superficiais; falo do verdadeiro amor, que constitui o centro da doutrina moral de Jesus: “Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças” e “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (cf. Mc 12,30-31). Refletindo, à luz disso, sobre o significado das novas tecnologias, é importante considerar não só a sua indubitável capacidade de favorecer o contato entre as pessoas, mas também a qualidade dos conteúdos que aquelas são chamadas a pôr em circulação. Desejo encorajar todas as pessoas de boa vontade, ativas no mundo emergente da comunicação digital, a que se empenhem na promoção de uma cultura do *respeito*, do *diálogo*, da *amizade*.

Assim, aqueles que operam no setor da produção e difusão de conteúdos dos novos “media” não podem deixar de sentir-se obrigados ao *respeito* da dignidade e do valor da pessoa humana. Se as novas tecnologias devem servir o bem dos indivíduos e da sociedade, então aqueles que as usam devem evitar a partilha de palavras e imagens degradantes para o ser humano e, conseqüentemente, excluir aquilo que alimenta o ódio e a intolerância, envilece a beleza e a intimidade da sexualidade humana, explora os débeis e os inermes.

As novas tecnologias abriram também a estrada para o *diálogo* entre pessoas de diferentes países, culturas e religiões. A nova arena digital, o chamado *cyberspace*, permite encontrar-se e conhecer os valores e as tradições alheias. Contudo, tais encontros, para ser fecundos, requerem formas honestas e corretas de expressão, juntamente com uma es-

cuta atenciosa e respeitadora. O diálogo deve estar radicado numa busca sincera e recíproca da verdade, para realizar a promoção do desenvolvimento na compreensão e na tolerância. A vida não é uma mera sucessão de fatos e experiências: é antes a busca da verdade, do bem e do belo. É precisamente com tal finalidade que realizamos as nossas opções, exercitamos a nossa liberdade e nisso — isto é, na verdade, no bem e no belo — encontramos felicidade e alegria. É preciso não se deixar enganar por aqueles que andam simplesmente à procura de consumidores num mercado de possibilidades indiscriminadas, onde a escolha em si mesma se torna o bem, a novidade se contrabandeia por beleza, a experiência subjetiva sobrepõe-se à verdade.

O conceito de *amizade* logrou um renovado lançamento no vocabulário das redes sociais digitais que surgiram nos últimos anos. Este conceito é uma das conquistas mais nobres da cultura humana. Nas nossas amizades e através delas crescemos e desenvolvemo-nos como seres humanos. Por isso mesmo, desde sempre, a verdadeira amizade foi considerada uma das maiores riquezas de que pode dispor o ser humano. Por este motivo, é preciso prestar atenção a não banalizar o conceito e a experiência da amizade. Seria triste se o nosso desejo de sustentar e desenvolver *on-line* as amizades fosse realizado à custa da nossa disponibilidade para a família, para os vizinhos e para aqueles que encontramos na realidade do dia-a-dia, no lugar de trabalho, na escola, nos tempos livres. De fato, quando o desejo de ligação virtual se torna obsessivo, a consequência é que a pessoa se isola, interrompendo a interação social real. Isto acaba por perturbar também as formas de repouso, de silêncio e de reflexão necessárias para um sã desenvolvimento humano.

A amizade é um grande bem humano, mas esvaziar-se-ia do seu valor se fosse considerada fim em si mesma. Os amigos devem sustentar-se e encorajar-se reciprocamente no desenvolvimento dos seus dons e talentos e na sua colocação a serviço da comunidade humana. Neste contexto, é gratificante ver a aparição de novas redes digitais que procuram promover a solidariedade humana, a paz e a justiça, os direi-

tos humanos e o respeito pela vida e o bem da criação. Essas redes podem facilitar formas de cooperação entre povos de diversos contextos geográficos e culturais, consentindo-lhes aprofundar a comum humanidade e o sentido de corresponsabilidade pelo bem de todos. Todavia devemos-nos preocupar por fazer com que o mundo digital, onde tais redes podem ser constituídas, seja um mundo verdadeiramente acessível a todos. Seria um grave dano para o futuro da humanidade se os novos instrumentos da comunicação, que permitem partilhar saber e informações de maneira mais rápida e eficaz, não fossem tornados acessíveis àqueles que já são econômica e socialmente marginalizados ou se contribuíssem apenas para incrementar o desnível que separa os pobres das novas redes que se estão desenvolvendo a serviço da informação e da socialização humana.

Quero concluir esta mensagem dirigindo-me especialmente aos *juvens católicos*, para os exortar a levarem para o mundo digital o testemunho da sua fé. Caríssimos, senti-vos comprometidos a introduzir na cultura deste novo ambiente comunicador e informativo os valores sobre os quais assenta a vossa vida. Nos primeiros tempos da Igreja, os Apóstolos e os seus discípulos levaram a Boa-Nova de Jesus ao mundo greco-romano: como, então, a evangelização, para ser frutuosa, requereu uma atenta compreensão da cultura e dos costumes daqueles povos pagãos com o intuito de tocar as suas mentes e corações, assim agora o anúncio de Cristo no mundo das novas tecnologias supõe um conhecimento profundo das mesmas para se chegar a uma sua conveniente utilização. A vós, jovens, que vos encontrais quase espontaneamente em sintonia com esses novos meios de comunicação, compete de modo particular a tarefa da evangelização desse “continente digital”. Sabei assumir com entusiasmo o anúncio do Evangelho aos vossos coetâneos! Conheceis os seus medos e as suas esperanças, os seus entusiasmos e as suas desilusões: o dom mais precioso que lhes podeis oferecer é partilhar com eles a “Boa-Nova” de um Deus que se fez homem, sofreu, morreu e ressuscitou para salvar a humanidade. O coração humano anseia por um mundo onde reine

o amor, onde os dons sejam compartilhados, onde se construa a unidade, onde a liberdade encontre o seu significado na verdade e onde a identidade de cada um se realize numa respeitosa comunhão. A essas expectativas pode dar resposta a fé: sede os seus arautos! Sabei que o Papa vos acompanha com a sua oração e a sua bênção.

Vaticano, 24 de janeiro de 2009.

Dia de São Francisco de Sales

BENTO XVI

I Encontro Internacional de Revistas de Vida Religiosa

Aconteceu em Santiago, Chile, de 27 a 30 de novembro de 2008, um encontro com responsáveis por revistas voltadas para a Vida Religiosa Consagrada, com a participação de vinte pessoas representando dez revistas, e teve lugar na sede da Conferência Chilena de Religiosos, sob a coordenação de Padre José María Arnaiz, sm, subdiretor da revista chilena *Testimonio*.

O encontro foi um desejo manifestado durante o Congresso Mundial de Vida Consagrada realizado em 2004, em Roma. Em 2005, a União de Superiores Gerais solicitou a Padre José María Arnaiz que se encarregasse da organização do citado encontro. A Conferência do Chile aceitou assumir o mesmo, acolhendo e apoiando a proposta.

O principal objetivo foi tentar responder a uma pergunta, expressão da preocupação de muitos religiosos e religiosas diante do bombardeio de numerosos impressos surgidos nos últimos anos: “De que se deve falar numa revista voltada para a Vida Religiosa Consagrada?”. Foi a essa pergunta que o encontro tentou responder, e foram levantados, pelo menos, setenta e seis temas considerados válidos.

Discutiu-se, também, como a Vida Religiosa Consagrada pode viabilizar programas através da televisão, rádio e internet. Algumas Conferências já realizam atividades nessas áreas. Para aprofundar a questão e concretizar iniciativas de modo efetivo, a Conferência da Espanha assumiu a responsabilidade de organizar um próximo encontro em Madrid, num prazo de dois anos, ainda com data a ser definida.

O intercâmbio intensificou o desejo de avançar na qualidade dos conteúdos veiculados pelas revistas de Vida Religiosa, de modo que venham a responder aos anseios de revitalização manifestados pelas diversas instituições.

Tráfico de pessoas: uma grave violação dos Direitos Humanos

195

A escravidão, o tráfico de pessoas e as práticas conexas, como a servidão por dívidas e a prostituição e o trabalho forçados, constituem violações dos Direitos Humanos mais fundamentais: o direito à vida, à dignidade, à segurança, o direito ao trabalho justo, à saúde e à igualdade. Trata-se de direitos que todos nós temos, independentemente do nosso sexo, da nossa nacionalidade, da nossa condição social... A escravidão e o tráfico de seres humanos têm de ser erradicados, e devemos reafirmar nosso compromisso com o fim dessas práticas intoleráveis. (Centro de Informações das Nações Unidas, 2003)

A Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB, representada por significativa presença de religiosas e religiosos de todo o Brasil, marcou presença na 9ª edição do Fórum Social Mundial, em Belém (PA), de 27.1 a 1ª.2.2009, somando e articulando forças na construção de um “Outro Mundo Possível”.

Dentre as duas mil e seiscentas atividades realizadas, muitas com a participação efetiva da Vida Religiosa Consagrada, o grupo de religiosas que fazem a Rede Um Grito pela Vida realizou, no dia 30 de janeiro, uma oficina de sensibilização e convocação da VR e da sociedade em geral, para comprometer-se com a erradicação do tráfico de seres humanos.

Com o tema: “Tráfico de pessoas: grave violação dos Direitos Humanos”, a oficina recebeu a adesão de mais de cento e vinte pessoas, muitas(os) religiosas(os), e jovens. Dinamizada pelas integrantes da Rede, das Regionais do Maranhão, Piauí e Ceará, numa construção coletiva, utilizando recursos audiovisuais, arte, pintura e teatro do oprimido, trabalhou conceitos e informações a partir dos dados da

ONU (Organização das Nações Unidas), OIT (Organização Internacional do Trabalho) e CECRIA (Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes), enfatizando a abrangência e a gravidade da “escravidão moderna”, que expressa a violação de Direitos Humanos e a existência de uma economia do crime estruturada em redes internacionais.

Trafica-se para fins de transplante de órgãos, trabalho escravo, principalmente para exploração sexual. Para a ONU, o número de pessoas traficadas no planeta atinge a casa dos quatro milhões anuais. O Brasil é um dos países campeões no mundo em relação ao fornecimento de seres humanos para o tráfico internacional. O mapa de tal comércio tem sempre uma constante: as pessoas traficadas são, na sua grande maioria, mulheres e crianças, provenientes de regiões pobres e levadas para as regiões ricas.

O tráfico de pessoas configura-se como relação criminosa de violação de direitos e exige um enfrentamento no campo da prevenção, da assistência e da intervenção política tanto do Estado como da sociedade. E a nós, Vida Religiosa Consagrada, esta tarefa se impõe como imperativo evangélico, um clamor que nos chega como grito do próprio Deus pedindo misericórdia, compaixão e justiça.

A resposta a esse grito pela vida que sobe da terra e desce do céu só é possível através de uma organização em rede, pois se trata de um fenômeno multidimensional, complexo e desafiador, requer um empenho coletivo e solidário. É esta a finalidade da Rede Um Grito Pela Vida: unir a Vida Religiosa Consagrada do Brasil em prol desta causa, no sentido de sensibilizar, informar, articular forças, intercambiar informações e ações que contribuam para a erradicação de tal crime, juntamente com as entidades e as organizações da sociedade que atuam nesta perspectiva.

Estamos convictas(os) de que o tráfico de seres humanos é uma das inúmeras realidades gritantes que hoje nos desafiam e interpelam a ser presença solidária de Deus no mundo dos pobres. A Rede um Grito pela Vida é um caminho que nos permite ampliar alianças intercongregacionais

em prol da vida ameaçada e ferida das pessoas traficadas e violentadas em seus direitos. Caminho que nos possibilita ensaiar passos de encarnação em novos espaços sociais, políticos e teológicos para incidir nesse fenômeno, que cresce de maneira assustadora e atinge sutil e vorazmente as crianças e adolescentes, jovens e mulheres de nossas comunidades.

Agradecemos a presença e a participação de todas(os) que estiveram conosco na oficina, sobretudo reafirmamos para toda a Vida Religiosa Consagrada o desejo de vê-la sempre mais comprometida com esta e outras causas que ferem a vida em todas as suas dimensões. A Rede Um Grito pela Vida é um espaço aberto e espera encontrar nas Congregações, Regionais e organizações afins adesão, apoio e empenho no enfrentamento desta realidade de agressão aos Direitos Humanos e ao próprio Deus.

IRMÃ EURIDES ALVES DE OLIVEIRA, ICM

Espiritualidade que gera militância

CARLOS JOSAPHAT, OP*

A espiritualidade evangélica resplandece na contemplação, luminosa incandescência do Amor, suscitando e guiando o discernimento e a militância, constituindo na comunidade messiânica o primeiro elã que promove e acelera a vinda do Reino. Esta vinda é a presença santificadora da graça nos corações e a força renovadora dos valores evangélicos transformando as pessoas, as famílias e toda a sociedade.

Está aí a mensagem que animou o profetismo dos primeiros evangelizadores que enfrentaram os malfeitos e desmandos do colonialismo na América. Hoje, em meio a crises e incertezas, esse sopro de espiritualidade é a grande esperança que caracteriza o bem-vindo Ano Paulino.¹

O Apóstolo valorizou a vida espiritual. Pôs em relevo o culto espiritual como o ponto alto de nosso ser e de nossa atividade de cristãos. Sem utilizar o termo abstrato de espiritualidade, exaltou a missão dos homens e das mulheres renascidos em Cristo, animados e conduzidos pelo Espírito, enaltecendo-os como chamados a fazer de sua existência, de seus trabalhos e de suas lutas o “culto espiritual”.

Culto espiritual porque brotando do espírito, do mais íntimo do ser humano, e assumindo a totalidade da existência e do agir sob a ação do Espírito de amor, de santidade, de comunhão. Na prática, essa espiritualidade se traduz concretamente no dom de si e na partilha das riquezas da graça e de todos os bens da vida cotidiana, bem inserida no meio do mundo das criaturas e militando contra o mundo do pecado.

* Carlos Josaphat é da Ordem dos Pregadores (Dominicanos), autor de artigos e livros. **Endereço do autor:** R. João de Santa Maria, 142, Jardim da Saúde, CEP 04158-070, São Paulo-SP. E-mail: liliancontreira@uol.com.br (secretária).

1. Condensamos para *Convergência* os temas centrais de meus livros sobre Las Casas, publicados por Loyola, Paulus e Paulinas. Muito especialmente, recomendamos o último editado por Paulinas, em 2008: *Bartolomeu de Las Casas: espiritualidade contemplativa e militante*.

Amor evangélico: fonte de militância transformando a existência e a história

O verdadeiro sentido à espiritualidade como a ponta de lança do Evangelho invadindo a história se manifesta naquele desabafo de Jesus, feliz de ver o Reino acontecer: “Fogo eu vim lançar sobre a terra, e como gostaria que já estivesse aceso” (Lc 12,49).

O fogo do amor abrasa e arrasa. É a energia divina que constrói o Reino, condena e destrói o mundo.

O mundo designa aqui a condensação e o dinamismo do pecado sobre a terra. Deste se diz de maneira enfática e personalizada: “O pecado entrou no mundo” (cf. Rm 5,12). Por ele o príncipe deste mundo reina, domina e escraviza, semeando desamor, ódio, malquerença, guerra e terrorismo. Assim, o mundo vem a ser o mal organizado e mobilizado em forma de sociedade desumana, tentando barrar constantemente a invasão amorosa de Deus.

Tal é o sentido primeiro das controvérsias e conflitos realizados nos Evangelhos como sendo a história da entrada e da marcha do Reino na plenitude dos tempos.

O Filho encarnado é a presença da misericórdia do Pai vindo salvar e dar a vida. Ele se mostra empenhado na militância pelo Reino do Amor. A pacífica mensagem da graça toma o aspecto de uma luta não-violenta, desdobrando a força e a doçura da Palavra contra os adversários homicidas, que se incompatibilizam com essa maravilhosa e suave revolução do Amor.

Os contornos bem definidos do mundo e do Mal

Quando, no conjunto do Novo Testamento, se denunciam as forças do Mal, do demônio, da carne, do mundo, não se aponta para entidades fora da realidade da vida e da história. Somos convidados a enfrentar figuras bem concretas, formas precisas de maldade, de perversidade, de corrupção. As denúncias evangélicas caem sobre os maus políticos,

sobre classes, categorias, elites sociais, todos designados por seus nomes, todos bem indicados em suas funções, seus títulos, até na extravagância de suas roupagens faustuosas.

Jesus aponta para as caras e as posturas dos seus adversários, identificados com o “mundo” que o vai julgar e matar, mas será vencido e julgado pelo Espírito de Amor, que anima o Cristo e sua comunidade.

Mais concretamente ainda, a leitura verdadeiramente espiritual do Evangelho, a leitura que busca a verdade da Palavra salvadora nos mostra o começo de uma luta para que o Reino venha, nos corações, nas famílias e na sociedade. Destacam-se os adversários desse projeto, os ministros de Satã, aí bem visíveis em carne e osso. É toda a chusma da gente poderosa e ambiciosa, atuando e pervertendo por suas mentalidades, seus preconceitos, pelas formas ostensivas ou camufladas de maldade e corrupção.

Essas têm de ser combatidas para que se torne viável o advento do pleno Amor. Pois o Reino inaugura novos céus e nova terra, suscitando a experiência íntima de conversão nos corações e a presença efetiva de sua força transformadora nos lares, nas comunidades, nas relações e organizações, nos sistemas que formam a sociedade.

A militância no despertar e nos avanços do mundo moderno

A militância surge qual imenso e constante desafio à espiritualidade e especialmente à Vida Consagrada, quando o mundo ocidental passa para um tipo de Modernidade que rompe com a aliança mais ou menos feliz do sagrado e do profano. Tal aliança tinha assumido nome prestigioso de Cristandade.

Houve, então, quem optasse pelo mundo totalmente profano, pela secularidade radical, rejeitando a religião, mesmo a fé no Deus revelado. Instituições e tradições religiosas eram relegadas como entulhos ou fenômenos marginais. Eram tidas como estorvo ao que se prometia, então, qual

experiência da plena racionalidade, aos indivíduos, à sociedade e à história da humanidade. Em contraste com essa vaga emancipadora, consolidou-se também certo tipo de espiritualidade que esconjurou simplesmente a Modernidade, passando a morrer de saudades do antigo regime, dos príncipes e dos benfeitores cristãos.

No entanto, a Modernidade abria também o caminho ao discernimento, à capacidade de refletir, decidir e optar pelo amor que pede compromisso e militância. Ensejava uma nova e feliz oportunidade de redescobrir o Evangelho. Pois, desfazendo-se das falsas seguranças da Lei, o Evangelho já havia apontado o caminho do discernimento do espírito à luz do Espírito.

A Modernidade enaltecia a criatividade estética, as descobertas científicas, extasiava-se na admiração do corpo e na idolatria do sexo. Mais ainda: junto com uma espécie de adolescência coletiva, desde o Renascimento, essas ondas de novidades vinham grandemente animadas por um sopro de neopaganismo e de anticlericalismo.

Mas ofereciam, no entanto, de maneira paradoxal, a grande ocasião do discernimento espiritual e muito especialmente do discernimento evangélico. Pois é sempre preciso reconhecer os sinais dos tempos para ter a coragem de “renunciar ao mundo”, conforme a primitiva profissão batismal.

A iniciação à vida nova se realiza na opção livre e lúcida de dar-se à comunhão trinitária do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ela comporta a rejeição do mundo como o antirreino. O que passa a significar o sistema ou o feixe de sistemas bem racionais e tecnicamente bem equipados para levar ao utilitarismo, à busca da felicidade pela conquista de sempre mais ter, poder, aparecer, dominar e suplantar.

O exercício desse discernimento é sumamente difícil. Pois que o mundo é tanto mais satânico quanto mais se mostra inteligente e manhosamente humano. Chega a encontrar e propor alternativas sorridentes para relegar a bem-aventurança evangélica. Esta exige a dura renúncia ao egocentrismo e a difícil gratuidade do amor.

Assim, no despertar e na marcha constante do mundo moderno, a espiritualidade cristã foi esbarrando na proposta sedutora que tomava o lugar da sabedoria evangélica. Era uma nova arte de decidir, mas para ganhar, para lucrar nos negócios, na aventura e em toda espécie de jogo, de concorrência e de guerra.

Aí os grandes santos e mestres da subida da Montanha surgiram em boa hora para redescobrir e melhor preparar os caminhos do discernimento espiritual e da militância evangélica. Não visavam, sem dúvida, rivalizar com a arte de ganhar e lucrar, de concorrer, lutar e dominar. Esses guias e suas escolas de espiritualidade se empenhavam, isto sim, em ajudar a humanidade a se encontrar, encontrando o melhor dela mesma, a profundidade do espírito acolhendo o Espírito do Amor e da Paz, desfazendo-se da mesquinhez da ambição e da vaidade desmedidas.

Contemplação, discernimento e militância

Como forma de pensar e de sentir, a Modernidade começa por apostar na razão, na emancipação generalizada, na afirmação e estima da autonomia individual. Todas essas atitudes vêm acompanhadas e reforçadas pela crítica, pela desafeição e mesmo pela rejeição mordaz ou desdenhosa das autoridades absolutas, civis e religiosas. Essas, ao contrário, se apoiavam ou ainda se apoiam em uma simples aceitação costumeira ou em tradições históricas ou religiosas.

Nesse contexto cultural, político e religioso, vão-se afirmando, de maneira mais ou menos ostensiva, a prática e a doutrina do discernimento entre os mestres e as escolas da espiritualidade. Em geral, têm de buscar abrir novos caminhos ou ocupar simplesmente os espaços deixados livres pelas respectivas autoridades nos campos da religião ou da política. Avançam com alguma lentidão, pois têm de levar em conta os vários tipos de união da religião e do Estado, os quais prevalecem, então, em toda parte. Na Península Ibérica, assumem a forma precisa e bem definida de “padroado”.

Pode-se, então, caracterizar o papel desse discernimento por uma dupla função.

A primeira é precisamente a busca inteligente e jeitosa de manter ou ocupar e ampliar os espaços de liberdade, de autonomia e responsabilidade dentro de sociedades, civis ou eclesiais, especialmente de comunidades religiosas. Pois essas, em geral, continuam fazendo a opção mais ou menos rígida pela coerção ou pela repressão, e mais certamente pela disciplina. Desde a primeira etapa renascentista da Modernidade, com menos dificuldade nas épocas seguintes, mestres de espiritualidade, no estilo de Frei Luís de Granada, São Vicente de Paulo ou de São Francisco de Sales, com bastante lucidez e uma coragem tranquila, iam tentando abrir caminhos de liberdade e amor dentro de instituições restritivas ou acanhadas.

A segunda função do discernimento é mais ampla e criativa. Ele é chamado a inovar viabilizando o jogo da responsabilidade, da justiça, da solidariedade, dos valores humanos e evangélicos em situações inéditas, em momentos de viradas históricas. Nessas se evidencia a urgência de criar ou aprimorar formas de vida humana, favoráveis à plena realização evangélica para todos, para as pessoas e as comunidades, que têm de enfrentar as dificuldades, se não a oposição, de sociedades em mudança ou em crise aguda, longa e generalizada.

Inácio de Loyola e Bartolomeu de Las Casas. Duplo modelo de discernimento e militância

As aventuras de juventude jogaram esses dois espanhóis na situação delicada de tomar decisões em meio a situações espinhosas.

Inácio era uns sete anos mais jovem do que Bartolomeu, pois este nasceu em 1484 e aquele em 1491. Poderiam ter passado um pelo outro em Valladolid, nos anos 1515-1520. Então, Las Casas, já padre, frequentava o Conselho Real se empenhando na defesa dos índios, enquanto Inácio se entregava ainda aos sonhos da cavalaria, à sedução da glória militar ou se deixava prender pelos encantos de alguma

2. Para se ter uma ideia desses começos de Las Casas, pode-se consultar seus projetos de comunidades de trabalho, para iniciar um novo modelo de colonização na América, vendo os modelos de suas propostas no v. 13 de suas *Obras completas*, Madrid: Alianza Editorial, 1992s (doravante OC). Para Santo Inácio, convém ter diante dos olhos sua autobiografia (*Autobiografia de Inácio de Loyola*. Tradução e notas de Armando Cardoso, sj. São Paulo: Loyola, 1997). Uma boa biografia moderna de Santo Inácio nos é dada por Ricardo García-Villoslada, sj: *Santo Inácio de Loyola*. São Paulo: Loyola, 1991. 1015p.

3. Cf. *Autobiografia de Inácio de Loyola*, pp. 23s.

linda dama da corte. Sem saber, colhia todo um feixe de experiências humanas que o preparavam para ser o mestre do discernimento espiritual.²

No confronto das posições de Inácio e de Las Casas, para uma abordagem segura da realidade e da doutrina do discernimento na perspectiva da militância cristã, Las Casas se vê impelido a ampliar toda a sua visão espiritual, pois terá de se orientar e tentar orientar grande número de pessoas investidas de responsabilidade em face das questões éticas que surgem no campo das relações econômicas, políticas, de convivência penosa e mesmo agressiva, tais como explodiam no Novo Mundo.

Inácio começa por uma espécie de autoanálise de suas experiências, empenhando-se em deslindar a qualidade e a origem de seu conteúdo. Na verdade, a qualidade e os efeitos produzidos nele pelos movimentos ressentidos é que lhe indicavam a fonte presumível de onde derivavam. Sentimentos que levavam à tranquilidade e à paz, que inclinavam seu espírito à alegria permanente, à prática do bem, decerto vinham de Deus.

Inácio aponta os começos dessa caminhada em busca do discernimento nas primeiras páginas de sua *Autobiografia*.³ O famoso ponto de chegada definitivo, vivido e transmitido pelos discípulos de Santo Inácio através dos séculos, vem a ser as famosas “Regras para discernir os movimentos da alma”, incluídas nos *Exercícios espirituais*.

Em uma célebre “Carta” em que Karl Rahner, em 1974, se dirigia à Companhia de Jesus, falando em nome de Santo Inácio e condensando as fontes mesmas do fundador, especialmente as *Regras* já citadas, encontram-se estas máximas de grande audácia e beleza:

Experimentei direta e imediatamente a Deus. [...] Afirmo apenas: experimentei a Deus, esse Deus sem nome, insondável, silencioso, embora intimamente vizinho no seu amor trinitário por mim. Tive experiência de Deus, prescindindo de qualquer figuração ou imagem, daquele Deus que, em sua graça, se digna aproximar-se de alguém e não pode ser confundido com o que quer que seja.⁴

Rudes caminhos do discernimento militante

Um primeiro passo importante. Na aurora do mundo moderno, fraternizando em parte com o conjunto dos humanistas, a mística inaciana aceitava a valorização do sujeito humano, da pessoa humana, mas exaltando-a, ao máximo, como chamada a ser parceira singular da amizade íntima com Deus.

O discernimento, o reconhecimento e a acolhida de Deus nas coisas e nas ações é o caminho desse encontro e aponta o feixe das condições e exigências para que ele se possa realizar. Assim, o discernimento se afirma e resume na atenção ao íntimo de si mesmo em confronto com os valores evangélicos. Inaugura-se um contínuo vaivém do espírito humano ao Espírito divino. Sob a ação da graça, toda pessoa, na integridade de seu psiquismo — corpo, imaginação, afetividade, inteligência e vontade —, se torna o lugar privilegiado da teofania, da presença amorosa de Deus, a ser servido e glorificado pelo dom total da vida.

Esse simples esboço do discernimento inaciano, por suas semelhanças e diferenças, nos encaminha à compreensão do discernimento praticado e ensinado, em outro contexto, por Frei Bartolomeu de Las Casas. Ele será completamente original no espaço que dá à dimensão social no seu modelo de discernimento todo voltado à militância em prol da justiça e da solidariedade. Pois busca responder a novas situações, a contextos e desafios não somente mais extensos, mas de outra qualidade.

Essa total novidade do agir, essa nova presença de Deus no rosto do outro, emergem em novo modelo histórico, reclamado e acolhido em razão de todas as diferenças humanas, culturais e religiosas, que passam a desafiar a Cristandade ocidental a partir dos descobrimentos, das aventuras e desventuras da conquista da América.

Está aí o homem de ação, todo entregue ao elã e ao ritmo de um atuar com justeza e com justiça, sentindo-se, a um tempo, solicitado pelos imperativos do êxito e da ética, sempre atraído a crescer na docilidade a essas exigências. De

4. RAHNER K.; IMHOF, P. *Inácio de Loyola*. São Paulo: Loyola, [s.d.]. (Coleção "Os grandes em imagem") Textos citados: pp. 10 e 14.

maneira bem pensada, com uma opção decidida e firme, o missionário Las Casas quer empreender uma mudança radical nos comportamentos e nas instituições da conquista e da colonização. Vai intervir para infundir um novo elã, uma alma nova, estendendo laços de liberdade, justiça e solidariedade. Experimenta uma dificuldade imensa que finalmente se torna fecunda. Pois atua em um processo histórico já em marcha, grandemente aprovado e enaltecido, já que produz resultados apreciáveis sob o aspecto tido como mais importante, que vem a ser, então, o êxito e o desenvolvimento econômico.

No coração do mundo moderno e do Novo Mundo emerge, portanto, um novo paradigma de discernimento, ético e espiritual. Ele visa a suplantiar a predominância dos modelos de decisão guiados e animados pelos interesses do poder político e econômico. Mas busca também integrar em seu processo de militância as qualidades da teoria e da prática da decisão lúcida e eficaz, cada vez mais aplicada na administração, nos negócios, nas diferentes instâncias e formas de governo.

Mas convém insistir na inspiração inicialmente evangélica desse discernimento e da militância que ele visa a orientar.

A ação é primeiramente iluminada pela visão da verdade divina. Deus é reconhecido e contemplado como Amor e fonte de amor para quem crê.

“Todo aquele que é da verdade escuta a minha voz” (Jo 18,37). Para o Evangelho, que Las Casas, como os verdadeiros mestres espirituais, tomava a sério e tinha por norma absoluta, “ser da verdade” é deixar-se sempre transformar pela verdade. Essa transformação da inteligência e do coração, da capacidade de se assumir e dar a Deus e à busca contínua do bem inaugura o processo da fé como forma de pensar e de viver.

O discernimento brotando da contemplação dá uma extraordinária coerência a essa vida, por vezes tumultuada, de Las Casas. A virada primordial que inaugura sua luta, sua militância permanente e incansável como defensor dos

índios, tem um início e uma fonte. Ela brota de um olhar carinhoso sobre Deus Pai, acolhido em sua dupla relação de amor: envolvendo o próprio Las Casas, que se vê feliz por ser amado e chamado a amar como filho; e iluminando o Rosto de Deus, resplandecendo e adorado como Pai amoroso dos índios, dos seres humanos necessitados e oprimidos.

A contemplação divina leva, assim, o mesmo Las Casas a amar esses índios como irmãos seus, a se empenhar em decifrar e seguir os caminhos da libertação, da promoção de todos os direitos deles. Ele vai sendo animado por uma espiritualidade tanto mais militante quanto mais contemplativa.

Mas essa visão de Deus Pai se enraíza em Las Casas ainda de maneira mais profunda e evangélica, à luz da comunhão trinitária. Ele lança um olhar lúcido e amoroso sobre Cristo, o Filho Eterno e enviado pelo Pai, para nos revelar e comunicar o amor paterno de Deus e em nós inaugurar o amor filial e fraterno que dele deriva.

Assim, a contemplação do missionário e militante pela justiça adquire um sentido e um elã de grande realismo. Ele contempla o Cristo Crucificado, que revela em si o amor pelos caminhos do amor, do dom e do total esvaziamento de si mesmo. Em Cristo, Deus vem a nós, não pela força que tenha algo de coerção, nem mesmo em nome de seu poder de mandar e se impor à obediência de suas criaturas. Tudo na vida de Las Casas decorre desse olhar que ele lança sobre a plenitude do Amor que se mostra no vazio de um coração traspassado (cf. Jo 19,31-37).

Sua militância é alimentada por esta profissão de fé: “Eu estou sempre vendo meu Senhor Jesus Cristo açoitado, torturado, flagelado, de novo crucificado na América”.⁵

Militância pela criação, pela terra e pela ecologia

A leitura da história, à luz da opção libertadora de Las Casas, privilegia e realça valores e eventos, pessoas, líderes,

5. Texto e contexto no escrito de Las Casas, *Historia de las Índias*, III, cap. 13a. Explicação em meus escritos, o mais acessível sendo *Las Casas: Deus nos outros, no social e na luta*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 60. E todo o capítulo VIII: “Cristo Crucificado na América”, pp. 61s.

atitudes e movimentos que militam em favor dos menos favorecidos. Ela se alia espontaneamente a uma compreensão geográfica e mesmo geológica marcada pelo sentido da criação, da estima da terra, da vida e de todo o ecossistema, abrangendo, abraçando na admiração e mesmo na exultação o Novo Mundo tropical.

Aqui convém dar o maior relevo à obra imensa, deveras enciclopédica, que vem a ser a *Apologética história sumária*, com seus longos bem documentados 267 capítulos. Como a *Apologia*, a *Apologética história sumária* foi destacada do projeto global de uma história geral da América inserida na história do mundo, o que era o plano ambicioso e primitivo de Las Casas. Esse seu projeto inicial se realizou finalmente nessa trilogia em que o tecido histórico se desdobra, afirmando com mais ou menos insistência a tríplice dimensão: apologética, geográfica e etnológica, com um grande sentido ecológico.

Na *Apologética história sumária*, o missionário não se faz apenas o defensor dos índios. Ele pratica o modelo então clássico da “história natural”, dedicando-se ao estudo da terra, dos elementos e das condições da vida vegetal e animal. Com toda a exatidão que lhe é possível, quer dar a conhecer as terras e as gentes das “Índias Ocidentais”. No entanto, caso raro, se não singular, nos estudos indígenas dos missionários e etnólogos, o grande sevilhano não se empenha apenas em ser o mais completo na descrição dos lugares, das populações, de seus costumes e de suas culturas. Recorre a todas as informações de que pode dispor sobre a Europa, os povos antigos, gregos, romanos, germanos, hispânicos, francos e gauleses, para demonstrar que em nada o mundo antigo pode pretender superar as maravilhas do Novo Mundo que floresce e resplandece no hemisfério sul. Recorrendo aos conhecimentos disponíveis em seu tempo, ele visa a enaltecer as gentes, as terras, as florestas, as montanhas, os lagos e os rios, tecendo em prosa bem caprichada uma epopeia de sua América bem-amada.

Por outro lado, esse apaixonado pela criação de Deus, por esse maravilhoso paraíso que seus olhos contemplam no Caribe e em tantos rincões da América, vê esse “paraíso”

ser destruído da maneira mais danosa e se transformar em um “inferno” para o conjunto da população.

Uma amostra dos sentimentos de ternura e de forte oposição do missionário diante dessa situação de profanação da beleza e da riqueza do Novo Mundo se pode vislumbrar nesta descrição carinhosa da Nicarágua:

Este Reino da Nicarágua é a medula e o coração de todas as Índias, embora estime eu todas as Índias como a mais opulenta (*¡la más opulentísima!*) terra do mundo, se não é aquela desventurada terra do Peru. Esta Nicarágua é um paraíso do Senhor. É uma fonte de deleites e de alegria para o gênero humano e, dado que a Ilha Espanhola — como todas as outras e as mais partes da Terra Firme onde tenho andado — seja tão maravilhosa como nunca se viu, esta aqui, no entanto, me empolga mais do que todas, ao ver tanta fertilidade, tanta abundância, tanta amenidade e frescor, tanta sanidade, tantas árvores frutíferas, ordenadas como os pomares das cidades de Castilha, enfim, todos os recursos e provisões para a vida, a recreação e a felicidade dos seres humanos.⁶

Lembrando esses aspectos doutrinários de seu discernimento espiritual e apostólico, nossa reflexão está preparada para apreciar como esse místico se mostrou ativo, militante na luta pela vida e liberdade do povo, ameaçado e mesmo ferido e oprimido pela ambição desmedida e incontida dos conquistadores.

Todos quantos se guiam por essa luz cristã — e Las Casas insistiria em sua linguagem humanista: também “pela lei natural” — estarão de acordo com ele: o amor universal exclui toda conivência com o mal, exigindo a busca efetiva da justiça, estigmatizando a corrupção dos responsáveis por sua prática, bem como repudiando a impunidade que os sustenta e estimula.

Antecipando o “ver, julgar e agir”

Las Casas desembarcou na América na companhia dos que tinham por ela um imenso amor de cobiça e de posse total.

6. Carta de Las Casas de 15/10/1535, OC, v. 13, p. 88.

Um amor que abria os olhos do conquistador sobre a deslumbrante beleza da terra e mais ainda sobre suas riquezas, mas os cegava de todo sobre a dignidade e o valor das gentes que a habitavam.

No mais quente da luta, inspirado por um amor compassivo, Las Casas propõe um critério de apreciação, que parece claro e bastante operacional: juntar “*el hecho y el derecho*”, juntar “o feito e o direito”, analisar e compreender a realidade (*el hecho*) para conformá-la às normas, às exigências do direito (*el derecho*), tal é a regra de perfeição no campo social.

Mais ainda: é o modelo de ação a que se orienta, e que ele elogia naqueles que são exemplares como líderes ou chefes. Em consequência, essa falta de coerência entre a realidade, conhecida ou não, e o que pede o direito, o direito natural e positivo, o regime da plena legalidade, tal é o comportamento que desqualifica um pensador, um agente político ou econômico, sobretudo uma autoridade civil ou religiosa.

Assim, ao enaltecer os missionários dominicanos, que pela voz de Montesinos lançaram o famoso “Com que direito” e exerceram a influência decisiva sobre a orientação do próprio Las Casas, este lhes traçará o retrato luminoso.

Os frades dominicanos “começaram a juntar o direito com o feito (*el derecho con el hecho*), como homens espirituais e mui amigos de Deus, e passaram a tratar entre si da fealdade e enormidade de tão grande e nunca ouvida injustiça”.⁷

Foi deles que Las Casas aprendeu esse estilo de discernimento.⁸

É interessante acompanhar a luta de Las Casas forcejando para dobrar seus adversários, desfechando-lhes o duplo golpe direto e concentrado do “derecho” e do “hecho”. O doutor Sepúlveda, por exemplo, e já o teólogo John Mayr, ignoram ou menosprezam o “direito”, as normas da justiça, bem como desconhecem o “fato”, a realidade, a triste realidade das injustiças cometidas contra os índios.⁹

Evocando o modelo de escritor que sempre procurou seguir, Las Casas lança esta exclamação acalorada:

7. Cf. Historia de las Índias III. OC, v. 5, cap. 3, p. 1758.

8. Ibid., cap. 79, p. 2082. Note-se que nesta passagem a narração é feita em terceira pessoa, o sujeito sendo o “Padre Las Casas”.

9. Cf. Apologia, OC, v. 9, pp. 77 e 81.

Que homem sério teria jamais empunhado a pena, sem ter um perfeito conhecimento dos fatos e do direito (*absque exacta facti et iuris cognitione*)? Ora, este [John Mayr] mostra-se totalmente ignorante do direito, e, quando se põe a falar dos fatos, cai numa série de desatinos.¹⁰

Espiritualidade, discernimento e militância hoje

O discernimento, entendido como busca de critérios e modelos de decisão, desdobrando-se no campo religioso ou leigo, está presente na aurora da Modernidade, como um fenômeno, cada vez mais amplo e promissor. Ele passou a se mostrar mais visível com a emergência da política em sua autonomia valorizada por Maquiavel, com o surgimento e desenvolvimento das nações modernas, com o predomínio da economia como infraestrutura da sociedade política, sem esquecer o desafio para a inteligência prática e empreendedora, representada pela façanha surpreendente que é o próprio descobrimento da América.

A época contemporânea prolonga essa evolução dando-lhe uma virada significativa. Há umas dezenas de anos, vem-se afirmando um ressurgimento da meditação, da oração, apoiado em todo um conjunto de técnicas e até de terapias, apelando para a energia criativa, reconciliadora e pacificante da contemplação.

Ora, esse retorno à contemplação no plano religioso ou espiritual coincide com o surto e o desenvolvimento das teorias e modelos aperfeiçoados da decisão, não no plano ético ou espiritual, mas sim no domínio econômico e, mais amplamente ainda, em todo o vasto campo da administração e do empresariado.

A prática e a doutrina do discernimento se inscrevem nesse contexto histórico. Mais ainda: elas se afirmam como tomada de posição, inspirada por uma visão contemplativa do Amor criador em confronto com as destruições das terras e das gentes tidas e amadas como criaturas do Artista

10. Cf. *ibid.*, pp. 624-625.

divino. Tal é o essencial da doutrina, da espiritualidade e da luta de Las Casas na aurora do mundo moderno e do Novo Mundo.

Essa atitude diante da realidade histórica se presta hoje a um diálogo promissor. Pois o discernimento contemplativo e militante ensinado e praticado pelos mestres espirituais, especialmente por Las Casas, encontra certa correspondência leiga e profana nas citadas teorias e nos modelos de decisão, elemento fundamental no estudo e na marcha da administração das empresas e de todo o sistema econômico atual. Mais nítido e firme é o acordo das posições do missionário sempre encantado pela beleza da criação e denodado lutador contra os estragos e a dilapidação desses tesouros vivos da humanidade, quando o lemos hoje em sintonia com a consciência ecológica da humanidade.

Não resta dúvida: enfrentar hoje a globalização do colonialismo cultural, social e religioso é o grande desafio lançado à espiritualidade evangélica.

Mas ela só será eficaz se for plenamente ela mesma:

- se estiver profundamente enraizada na contemplação, na união direta, imediata e profunda com Deus, comunhão de Amor e fonte de solidariedade para a Igreja e para toda a humanidade;
- se essa contemplação despertar e animar um discernimento dos valores humanos e evangélicos, bem como dos obstáculos que a eles opõem os sistemas sociais do mundo mal globalizado e grandemente corrompido pelo egocentrismo e pelo utilitarismo econômico;
- finalmente, essa contemplação e esse discernimento hão de animar uma militância que vem a ser a energia apostólica anunciando e testemunhando a presença do Reino do Amor. Mais ainda: inspirando, animando e ativando uma lúcida e forte militância social. Essa militância é o grande testemunho do amor, conquistando o mundo pelo milagre por excelência: transformar e elevar a sociedade, libertando-a da globalização idolátrica,

encaminhando-a pelas sendas da solidariedade desinteressada e gratuita, instaurando a “paz fruto da justiça”.

Concluindo por uma simples aproximação sugestiva

Esboçada por Las Casas, a espiritualidade evangélica da contemplação, do discernimento e da militância vem ao encontro do grande projeto renovador do mundo atual, em boa hora proposto pelo Concílio Vaticano II (*Gaudium et Spes*, n. 30):

A profundidade e rapidez das transformações reclamam com maior urgência que ninguém se contente, por não atender à evolução das coisas ou por inércia, com uma ética puramente individualística. [...] quanto mais o mundo se unifica, tanto mais as obrigações dos homens transcendem os grupos particulares e se estendem progressivamente a todo o mundo.

Já está bem na hora de lembrar. No Concílio, toda Igreja vem definida como “sacramento da reconciliação universal” na constituição *Lumen Gentium*, n. 1; na mesma constituição fundadora, nos capítulos 5 e 6, a Vida Consagrada é ampla e profundamente enaltecida como o cerne da comunidade eclesial, cujos membros são todos eles chamados à santidade (no capítulo 4).

Acolher essa vocação e difundi-la é a primeira razão de ser da Vida Religiosa.

Pois bem, nessa etapa pós-conciliar, no seio da Igreja, especialmente na Vida Religiosa em seu conjunto, dá para se constatar uma opção decidida por uma espiritualidade plenamente evangélica, animada e guiada realmente pelo sentido de Deus Amor, pelo gosto da contemplação, pela prática crescente do discernimento e da militância?

Não seria essa a questão primordial de que depende tudo o mais, no centro e na periferia da Igreja, bem-amada esposa de Cristo?

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Até que ponto o nosso modo de atuar na pastoral e na missão é fruto da espiritualidade que assumimos?
2. Em nossa ação evangelizadora, quais são os protótipos de militância que nos servem de parâmetro?
3. Quais os valores que defendemos em nossa “militância”?

O herdeiro e a vinha. Reflexões à luz de *Nostra Aetate*, n. 4¹

215

AÍLA L. PINHEIRO DE ANDRADE*

No tempo em que Mateus redigia o Evangelho estava acontecendo uma forte tensão entre os seguidores de Jesus e a sinagoga. A destruição do Templo de Jerusalém deu início ao chamado Judaísmo formativo, com o fim da pluralidade dos grupos religiosos judaicos e a tentativa de certa uniformidade na interpretação das Escrituras. Consequência disso foi o estabelecimento da autoridade dos rabinos (mestres da Torá) em substituição ao sinédrio. Isso significava uma supremacia do antigo grupo dos fariseus sobre o povo judeu.²

Nessa tensão entre o grupo dos seguidores de Jesus e a sinagoga a comunidade de Mateus sentia-se como “ovelhas entre lobos” (cf. Mt 10,16), até mesmo os familiares dos cristãos os colocavam em situações desagradáveis (cf. Mt 10,21-24.34-36). Talvez os seguidores do Caminho³ já tivessem sido expulsos da sinagoga (cf. Mt 10,17) e eram acusados de não seguir as “tradições dos antigos” (cf. Mt 15,2). Tudo isso fazia com que os cristãos se sentissem cansados e tentados a abandonar a fé (cf. Mt 24,9s).

Para mostrar a seus contemporâneos que não deviam inquietar-se com os fariseus, Mateus escreveu as controvérsias entre Jesus e os líderes religiosos de Jerusalém. Dessa forma, exortava a comunidade a não imitar o modo de ser dos adversários, ou seja, a evitar todo rigor exagerado com a Lei e também a não ambicionar nenhum privilégio ou poder (cf. Mt 18,1-35). Os cristãos deveriam assumir o modo de ser de Jesus, refazendo o caminho do Messias e atualizando a missão do Mestre até que ele venha. A maneira de viver de Jesus é, pois, a condição e o critério

* **Aíla L. Pinheiro de Andrade** é licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, bacharel, mestre e doutora em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. Membro do Instituto Religioso Nova Jerusalém. Professora da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. **Endereço da autora:** Rua Dr. Pedro Nava, 65A, Pouso Alegre, CEP 33200-000, Vespasiano-MG. E-mail: aylanj@ig.com.br.

1. *Nostra Aetate*. Declaração sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs. In: *Compendio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1996.

2. OVERMAN, J. A. *O evangelho de Mateus e o judaísmo formativo; o mundo social da comunidade de Mateus*. São Paulo: Loyola, 1997. (Coleção Bíblica Loyola, n. 20.)

para ser discípulo, como Mateus fez questão de mostrar (especialmente em Mt 6,19-7.23 e 16,24-28).

As parábolas em Mateus

Para exemplificar como deve ser um verdadeiro discípulo do Reino, Mateus narra as parábolas de Jesus. Dessa forma, o seguidor do Messias terá claro o critério sob o qual deve pautar sua vida.

O verbo grego *parabállo* denota a ideia de “lançar ao longo de” ou “pôr junto a si”. O substantivo *parábola* quer traduzir o termo hebraico *mashal*, que reagrupa grande variedade de formas literárias, como a sentença sapiencial, o enigma e outras. Todas elas têm como objetivo exprimir uma verdade através da linguagem figurada, método utilizado, principalmente pelos mestres orientais, para transmitir uma mensagem predispondo o ouvinte para a reflexão.

Desde os tempos da Igreja primitiva, denominaram-se “parábolas” aqueles ensinamentos de Jesus, em linguagem figurada, que falavam a respeito de verdades espirituais profundas, a partir de exemplos tirados da natureza ou da vida social, econômica e religiosa de seu tempo. Dessa forma, Jesus provocava seus contemporâneos a descobrir o dinamismo do Reino de Deus e os orientava a viver de acordo com o projeto salvífico do Pai.

Não podemos, hoje, recriar a situação histórica na qual uma parábola foi contada por Jesus, pois os evangelistas criaram diversos contextos literários para a mesma parábola, tendo em vista o projeto teológico específico de cada um.⁴ Cada contexto literário, entretanto, respeitou o propósito original de Jesus ao contá-las. Dessa forma, a mensagem das parábolas nos Evangelhos passa a servir de critério de avaliação para a práxis dos leitores em quaisquer tempos e lugares.

A narrativa de Mateus afirma que Jesus falou *muitas coisas em parábolas* (13,3). Considerando Mt 13 em sua totalidade, percebe-se o objetivo principal de indicar como o Reino dos Céus vai-se consumando no dinamismo da história universal até a sua plenitude. À pergunta dos dis-

3. Assim se chamavam os primeiros cristãos (At 9,2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22). O termo “cristão” será usado neste artigo para evitar ambiguidades e facilitar a compreensão.

4. Veja, por exemplo, a parábola dos odres e o vinho (Mt 9,17; Mc 2,22; Lc 5,37), que em Mateus vem antes da cura da mulher com fluxo de sangue e em Marcos e Lucas é anterior ao episódio das espigas colhidas no sábado. Lucas acrescenta à parábola uma afirmação sobre a preferência pelo vinho velho (5,39) que não consta em Mateus e Marcos.

cípulos sobre o motivo de falar em parábolas (13,10), Jesus responde que “a vós foi dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus, mas a eles não” (v. 11). Isso significava que os ensinamentos sobre a natureza do Reino podiam ser dados aos discípulos de forma direta e ampla, porque eles foram treinados na convivência com Jesus, que corrigia cotidianamente suas ideias errôneas a respeito do Reino e do Messias. Mas, para quem buscava encontrar em Jesus um revolucionário ou taumaturgo, era necessário o ensino em parábolas, para provocar-lhes um exame de suas concepções messiânicas. As parábolas eram como uma arena de combate para aqueles que vinham descrentes, hostis ou curiosos, pois faziam com que as suas oposições a Jesus fossem declaradas abertamente.

Mas, além do capítulo 13, encontramos outros grupos de parábolas recolhidas por Mateus:

- Parábolas para orientar a vida na comunidade (Mt 18,12-14.23-25): manifestam que na comunidade de Mateus alguns lutavam pelo poder, outros eram ocasiões de escândalos, havia intolerantes e obstinados em não perdoar, e os “pequeninos” eram desprezados ou haviam se extraviado.
- Parábolas para orientar no conflito com a sinagoga (Mt 11,16-19; 20,1-16; 21,28-32.33-45; 22,1-14; 24,45-51): mostram como os líderes da sinagoga estavam falhando em sua missão de guiar o povo, já que rejeitaram o Messias.
- Parábolas para orientar sobre a vigilância (Mt 25,1-13.14-30): exortam a comunidade dos seguidores de Jesus, em todos os tempos, a permanecer firme, construindo na história o Reino dos Céus, conservando-se firme e alerta para que na parusia se manifeste em plenitude o que já é vivido agora.

O contexto literário da parábola dos vinhateiros

Antes de iniciarmos o estudo sobre o conflito de Jesus com a sinagoga, tomando como referência a parábola dos

vinhateiros, consideramos o bloco narrativo de Mt 21,23–22,14, no qual esta se encontra inserida.

Em Mt 21,23, encontramos a pergunta dirigida a Jesus pelos principais sacerdotes e anciãos do povo⁵ sobre a legitimidade de sua autoridade em relação ao episódio no Templo de Jerusalém (Mt 21,12–17). Mas, em vez de responder-lhes, Jesus endereça-lhes uma contra pergunta sobre a origem do batismo de João (Mt 21,25). A resposta dos principais sacerdotes e anciãos significa uma confissão de recusa em aderir à proposta de João Batista e, como não atenderam ao apelo do profeta, não puderam compreender a missão de Jesus. Então, o tema destacado até aqui é que os principais sacerdotes e anciãos do povo — grupo que rejeitou os dois enviados de Deus — perderam a autoridade de cobrar explicações de Jesus sobre sua atitude no Templo de Jerusalém.

O texto imediatamente posterior a essa controvérsia é a parábola dos dois filhos (Mt 21,28–32). Através dela o evangelista insiste em mostrar que os principais sacerdotes e anciãos de Jerusalém não cumpriram o chamado do Senhor, não mudaram de atitude nem pelo testemunho de João Batista, nem quando viram os pecadores se converterem (Mt 21,31–32). Esse bloco narrativo aponta, então, para uma transferência no exercício da autoridade: dos líderes do povo que recusaram o enviado de Deus, Jesus, para aqueles que o acolhem.

A rejeição/aceitação de Jesus é a unidade temática de Mt 21,23–22,14. Esse tema permanece nas narrativas posteriores à parábola dos vinhateiros. No texto da fonte Q⁶ (Mt 22,2–3.5.8–10||Lc 14,16–24) há uma parábola com os seguintes elementos comuns: um anfitrião (Lucas: um homem; Mateus: um rei) convidou seus concidadãos para um festim (Mateus: núpcias do filho), os convidados não lhe deram atenção, o anfitrião ofendido os substituiu por outros (Lucas: pobres e marginalizados; Mateus: maus e bons). O tema dessa parábola é o mesmo dos textos anteriores no capítulo 21, os líderes do povo foram desatenciosos, enquanto os gentios e os míseros, os “maus e bons”, aceitaram o convite.

5. Conselho de líderes do povo.

6. Fonte comum a Mateus e Lucas.

O texto de Mt 21,33-46

Passando a considerar o texto que nos propomos estudar, notamos que a narrativa sobre os vinhateiros pertence aos três Evangelhos sinóticos. É relatada por Lucas (Lc 20,9-19) de forma mais simples que nos outros Evangelhos. Refere-se *três vezes* ao envio de *um servo*, depois disso é a vez do filho. Marcos (Mc 12,1-12) menciona *três envios* de *um servo a cada vez*, sendo que a violência com que são tratados aumenta progressivamente, depois se fala de *muitos outros emissários*, dos quais alguns foram golpeados e outros mortos.

Para Carmona,⁷ o texto sobre os vinhateiros é mais uma alegoria do que uma parábola, na qual cada elemento da narrativa tem um significado: o proprietário é Deus, a vinha é Israel (o povo escolhido), os servos são os profetas enviados ao longo da história, o herdeiro é Jesus (cume da Revelação e morto fora dos muros de Jerusalém), os vinhateiros são os líderes do povo que rejeitaram Jesus e merecem que a vinha lhes seja tirada e dada a quem entregue os frutos a seu tempo (Sl 1,3).

No Evangelho apócrifo de Tomé,⁸ log. 65, temos o seguinte texto:

Disse Jesus: Um homem de bem possuía uma vinha. Arrendou-a para alguns trabalhadores para que a cultivassem e, no tempo da vindima, lhe dessem as uvas. Mandou seu servo para que recebesse dos agricultores o fruto da vinha. Estes agarraram o servo e o espancaram: pouco faltou para que o matassem. O servo foi contar ao senhor o que tinha acontecido. Este pensou: eles, talvez, não o tenham reconhecido. E mandou outro servo. Os agricultores voltaram a espancá-lo. Então, o Senhor mandou o próprio filho, dizendo: ao menos, hão de respeitá-lo. Ao saberem que se tratava do herdeiro da vinha, os agricultores agarraram-no e o mataram. Quem tem ouvidos, ouça!

Podemos supor que talvez o apócrifo tenha conhecido a forma mais primitiva e original⁹ da parábola e que os Evangelhos canônicos, em vista do projeto teológico de cada autor, tenham acrescentado alguns pormenores e explicações.

7. RODRÍGUES CARMONA, A. *Evangelio de Mateo*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2006. p. 190.

8. ROHDEN, H. (trad.). *O quinto Evangelho*; a mensagem de Cristo segundo Tomé. São Paulo: Alvorada, [s.d].

9. SNODGRASS, K. R. The Parable of the Wicked Husbandmen. Is the Gospel of Thomas Version the Original?. *New Testament Studies* 21 (1975). 142-144.

No texto de Mateus fala-se de duas missões em que os servos são espancados, mortos e apedrejados. A terceira missão é a do filho. Isso significa que a pregação de cada evangelista privilegiou alguns aspectos em detrimento de outros.

Agora nos propomos a estudar a maneira como Mateus utilizou as fontes veterotestamentárias para inserir a parábola dos vinhateiros dentro de seu projeto teológico e, mais especificamente, dentro do tema da rejeição/aceitação presente no bloco literário (Mt 21,23–22,14). Para tanto, faremos uma abordagem semântica de alguns termos:

Vinha¹⁰

Tanto Is 5,2 quanto Mc 12,1 e Mt 21,33 atestam os cuidados que o Amado (Marcos diz que é um homem, Mateus afirma que é um homem chefe de casa) teve com a vinha: preparou a terra (Isaías); protegeu-a contra animais selvagens, cercando-a com uma sebe (Marcos e Mateus); evitou que as uvas se estragassem, cavando um lagar (Isaías, Marcos e Mateus); e deu-lhe proteção permanente com vigias, construindo uma torre (Isaías, Marcos e Mateus). Esses cuidados fizeram dela uma “vinha selecionada” (Jr 2,21). Contudo a vinha não correspondeu às expectativas de seu proprietário. Para Isaías, a vinha é Israel e Judá (Is 5,7). Que expectativas não foram correspondidas? O exercício da justiça e do direito (Isaías) e a acolhida dos enviados (Marcos, Mateus e Lucas).

No texto de Is 5,1–7, o profeta afirma que o Amado (v. 1b–2), identificado com o *Senhor dos exércitos* (5,7), convoca os moradores de Jerusalém para julgar a sua vinha (5,3).¹¹ O proprietário faz duas perguntas: a primeira, sobre suas atividades; a segunda, sobre a produção da vinha (5,4). Ele mesmo deu a sentença, anunciando o que fará, e suas atividades destrutivas (Is 5,5–6) serão o oposto dos cuidados iniciais (5,2). O ápice é o v. 7, no qual o profeta contrasta as expectativas positivas de Deus e as atividades do povo.

Mateus é, entre os sinóticos, quem melhor enfatiza o julgamento dos vinhateiros, pois na versão mateana os pró-

10. Os principais textos do Antigo Testamento que identificam Israel com a vinha são: Sl 80,9–17; Is 5,1–7; Os 10,1; Ez 19,10–14.

11. WEREN, W. J. C. *The Use of Is 5,1–7 in the Parable of the Tenants* (Mark 12,1–12; Matthew 21,33–46). *Biblica* 79 (1998). 1–26.

prios interlocutores responderam à questão posta por Jesus: eles declararam que os vinhateiros eram vilões e mereciam morrer.

Além disso, com a sentença de Jesus eles reconheceram, na parábola, a história de seu conflito com o Nazareno. A parábola é chave interpretativa para uma a história de desobediência à vontade de Deus, cujo clímax se mostra agora na rejeição ao Filho.

Frutos¹²

A expressão “que produza frutos” (Mt 21,43) não aparece ingenuamente nesse versículo, mas é uma descrição do comportamento correto, e faz elo com Is 5,2.4b, quando por duas vezes se diz que o Amado esperava a produção de uvas boas, mas a vinha produziu uvas amargas, bravas. Essa orientação ética seria um desenvolvimento do comportamento destacado em Is 5,7: esperava-se *o direito e a justiça* e em contraposição foi produzido *tiraniam e clamor*. O texto de Mt 21,41 insinua que os frutos não foram entregues ao dono da vinha. Por fim, Mt 21,43 afirma que a vinha não produziu frutos quando estava com os arrendatários.

Em Mateus ainda temos duas diferenças em relação a Marcos: (a) a totalidade (Mt 21,34) e não uma parte (Mc 12,2) dos frutos deve ser dada ao proprietário; (b) o filho foi morto fora (Mt 21,39; cf. Hb 13,12; Jo 19,20b) e não dentro da vinha (Mc 12,8).

Éthnos

A expressão “um *éthnos* que produza os frutos dele” (Mt 21,43) aparece apenas em Mateus. Conforme os estudos de Saldarini,¹³ o termo *éthnos* significa: bando, classe, nação, gente, pessoas que vivem juntas, companhia militar, grupo de camaradas, província, associação mercantil, os outros em oposição ao nosso grupo.

A maioria das edições da Bíblia em português traduz o grego *éthnos* pelo termo *nação*. Partindo desse tipo de tradução, muitos concluem que Israel foi substituído por outra

12. No Antigo Testamento e no Novo Testamento o termo “frutos” significa “obras”, “práxis que agrada a Deus”.

13. SALDARINI, A. J. *A comunidade judaico-cristã de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 2000. pp. 104-112.

14. *Ibid.*, p. 105, notas 58-59.

15. Este sentido também é comum ao episódio da figueira (Mt 21,18-19). Jesus esperou encontrar frutos e decepcionou-se. Os líderes do povo, daquela geração, não fizeram as obras que agradam a Deus.

16. SALDARINI, *A comunidade judaico-cristã de Mateus*, p. 109.

17. Na opinião de alguns estudiosos, a citação do Sl 118,22-23 na parábola dos vinhateiros é uma acréscimo redacional em Mc 12,10||Mt 21,42||Lc 20,17. Mas, se for assim, a parábola perde sua chave eclesiológica, ou seja, não se refere em nada à comunidade cristã. Cf. CIPRIANI, S. Significato cristologico o anche eclesiologico nella citazione del Salmo 118,22-23 al termine della parabola dei vignaiolli omicidi. *Asprenas* 26/3 (1979). 235-249.

nação, a Igreja gentílica. Contudo esse tipo de interpretação traz alguns problemas. Em primeiro lugar, os cristãos não podem ser considerados como nação. Também “não há nenhuma menção implícita ou explícita aos gentios”. Quem rejeita o herdeiro não é a vinha (Israel), mas os vinhateiros, os líderes que “repudiam e matam continuamente os profetas e também conspiram para matar o Filho”.¹⁴

A interpretação mais correta é que o grupo rejeitado na parábola seja o dos principais sacerdotes e anciãos do povo. Esses são reprovados porque não agem segundo a vontade de Deus para que a vinha produza frutos. A parábola pressupõe que a vinha é fecunda, mas os vinhateiros se apropriam indevidamente dos frutos em vez de entregar a produção ao proprietário. A vinha (Israel) foi mal administrada e tem de passar para outros administradores.¹⁵

O grupo que produz frutos é a comunidade dos seguidores de Jesus, principalmente aquela da qual Mateus faz parte e que é composta, em sua maioria, de judeo-cristãos. O grupo que produz frutos é um subgrupo que faz parte da vinha (Israel). “A vinha, Israel, permanece a mesma; subgrupos dentro de Israel são acusados ou louvados... a parábola dos vinhateiros é uma crítica aos líderes de Israel e não a Israel”.¹⁶

Pedra

Em Mt 21,42, temos a citação do Sl 118,22-23. Esse salmo¹⁷ foi composto para ser cantado na solene liturgia de ação de graças que terminava com a entrada no templo, na festa das Tendias. Essa festa destacava a reconstrução de Jerusalém (Ne 8,13-18; 12,27-43) e comparava Israel a uma pedra que as nações tinham rejeitado e que Deus utilizava para a construção de seu Reino. Agora que os líderes do povo de Israel rejeitavam o enviado de Deus, Jesus mesmo é a pedra rejeitada e por isso se torna escândalo, palavra grega que significa “pedra que faz tropeçar”. Dessa forma, podemos entender essa afirmação “quem cair sobre essa pedra ficará despedaçado” (Mt 21,44a).

Mas também é dito que “se ela cair sobre alguém, o esmagará” (Mt 21,44b). Para compreender melhor essa afirmação, é necessário recorrer a Dn 2,44–45. Nesse texto de Daniel, o sábio identifica a pedra que desce do monte, no sonho de Nabucodonosor, com um reino suscitado por Deus que jamais será destruído e que esmagará os demais reinos.¹⁸ O Reino dos Céus, inaugurado por Jesus, é a pedra que cai sobre aqueles que rejeitam o enviado de Deus.

Reino

O texto de Mt 21,43, com a afirmação “o Reino de Deus vos será tirado e entregue a um povo (*éthnos*) que produza frutos”, parece contrário a Dn 2,44: “um império que nunca será destruído” (LXX: *éthnos*). Contudo, essa contradição não passa de um problema de tradução.

O Reino significa a soberania da vontade de Deus sobre o ser humano inserido em estruturas históricas, sociais, políticas, econômicas, culturais etc. Portanto, isso não depende da pertença a uma etnia. Por isso o Reino é dado a quem produz frutos de justiça, seja judeu, seja gentio. Para a comunidade de Mateus, Jesus é a *autobasileia*, ou personificação do Reino, pois na vida dele a vontade de Deus foi sempre soberana. Não acolher o dom que é Jesus significa rejeitar a pedra angular do Reino.¹⁹

A autoridade dos interlocutores de Jesus nesse texto de Mateus foi subtraída porque: (1) não acolheram os mensageiros de Deus, (2) não produziram frutos de justiça para Deus e (3) rejeitaram a *autobasileia*, Jesus. Perderam a autoridade sobre o povo “por causa de seu mau procedimento” e foram substituídos pelos líderes da comunidade de Mateus, “um grupo (*éthnos*) de líderes que ouve Deus e pode guiar corretamente ‘as ovelhas perdidas da casa de Israel’ (10,6)”.²⁰ Então, trata-se de uma justificação da autoridade da comunidade de Mateus perante a autoridade dos fariseus e não de uma rejeição de Israel por parte de Deus. A comunidade de Mateus necessita justificar para os fariseus a autoridade que está reclamando para si mesma. Isso porque nessa época eram os fariseus as autoridades constituídas sobre o povo.

18. Veja a expressão: “e se ela [a pedra] cair sobre alguém, o esmagará” (Mt 21,44b||Lc 20,18b). Marcos fala apenas da pedra rejeitada (Cristo) pelos construtores.

19. RODRÍGUES CARMONA, *Evangélio de Mateo*, p. 190.

20. SALDARINI, *A comunidade judaico-cristã de Mateus*, p. 112.

Conclusão

A Palavra nos exorta sobre algo que aconteceu com os fariseus da época de Mateus e que pode se repetir, tanto na história da Igreja quanto na consciência de cada cristão: a rejeição aos enviados de Deus e à sua vontade soberana. A eleição por parte de Deus exige uma resposta pessoal e um engajamento de vida, é importante que a pregação provoque um julgamento da assembleia sobre si mesma, como aconteceu na parábola.

É necessário também que se destaque um aspecto fundamental, isto é, que uma Igreja acomodada é uma figueira sem frutos (cf. Mt 21,19) de justiça. Novos problemas exigem novas acentuações da fé, como fez a Igreja de Mateus, e a novidade da resposta a tais problemas pode trazer confrontos e desconfianças entre estruturas hierárquicas antigas e novas.

Acima de tudo, é necessário permanecer fiel e perseverante. Estar consciente de que a rejeição a Deus é um processo gradual que culmina sempre na cruz, ontem e hoje. E que, se rejeitamos Deus, é porque sua vontade não corresponde aos nossos esquemas sempre forjadores de ídolos silenciadores de nossa consciência pecaminosa.

Enquanto houver acusações mútuas embasadas numa hermenêutica antissemita dos textos bíblicos, não será possível uma verdadeira manifestação de amor como pede a *Nostra Aetate*, n. 4. Depois de quarenta anos dessa declaração do Concílio Vaticano II, poucos passos foram dados para um abraço honesto entre judeus e cristãos. Muitas vezes por falta de uma boa tradução da Escritura. Outras vezes porque a dureza de coração impede reconhecer no outro um enviado de Deus.

Oremos para que Deus nos livre de fundamentar na Escritura uma atitude de anulação de nosso semelhante como pressuposto para afirmação de nós mesmos:

Onde está o clamor, onde estão as lágrimas
que eu deveria derramar na presença de Deus?
Eu nunca produzi senão frutos de morte,
porque não me enxertei em vós, Senhor!...
grandeza incomensurável!...

De onde trazes, ó árvore, estes frutos de vida,
sendo por ti mesma estéril e morta?
Da mesma árvore da vida o trazes!
Pois, se não estivesses enxertada nela,
nenhum fruto poderias produzir por virtude tua,
porque nada és.

Catarina de Sena²¹

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Conforme o texto, conseguimos identificar o objetivo de Mateus com a narrativa das parábolas?
2. Na parábola dos vinhateiros, qual o alerta evidente do evangelista?
3. A quem podemos atribuir, hoje, as imagens: vinha, vinhateiros, patrão?
4. Em nossa história atual, há algum fato que nos remeta à parábola dos “vinhateiros”?

21. *Pregchiere ed elevazioni*. Roma: Ferrarri, 1920. p. 113.

VINÍCIUS AUGUSTO R. TEIXEIRA, CM*

Apoiada em sua incontestável fundamentação bíblico-teológica, a vocação universal à santidade se apresenta como uma das mais significativas chaves de leitura para o *aggiornamento* proposto pelo Concílio Vaticano II (1962-1965),¹ sobretudo no que se refere ao ser e ao agir da Igreja inserida no mundo. Recorrente na primeira fase do processo de recepção conciliar, a temática nada perdeu de sua atualidade e relevância, pelo próprio fato de constituir uma experiência fundante, que aponta para o horizonte da vida cristã enquanto chamado à participação no amor trinitário, fonte e meta da realização humana. Trata-se, então, de um valor permanente, cujas formas de concretização histórica podem adquirir diferentes feições, conforme os tempos e os espaços em que o dom da santidade é acolhido, correspondido e compartilhado. Neste artigo, pretendemos revisitar o tema da vocação universal à santidade, considerando três eixos: suas raízes bíblicas, as intuições do Concílio Vaticano II e as contribuições da Conferência de Aparecida. De cada eixo resultará uma interpelação para a nossa práxis eclesial, hoje.

* **Vinícius Augusto R. Teixeira** é da Congregação da Missão (Vicentinos). **Endereço do autor:** Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Rua Padre Bartolomeu de Gusmão, 278, Jardim Industrial, CEP 32220-120, Contagem-MG. E-mail: viniciusaugustocm@yahoo.com.br.

1. No dia 25 de janeiro de 1959, festa da Conversão de São Paulo, o Papa João XXIII anunciava oficialmente a convocação do Concílio Ecumênico Vaticano II. Em 2009, comemoramos, portanto, o cinquentário dessa memorável iniciativa.

Santidade na Bíblia: participação na vida de Deus

A Sagrada Escritura nos garante que a santidade pertence só a Deus. É o que designa de maneira mais clara o caráter inefável do seu ser e a perfeição de suas ações. Trata-se, portanto, de uma prerrogativa divina, atributo daquele que é o totalmente Outro, já que “ninguém é santo como o

Senhor” (1Sm 2,2). A alteridade do Criador, porém, não se traduz no isolamento e na indiferença diante das criaturas. Ao contrário, todos os que são chamados a viver em sua presença são também destinados a participar do fulgor de sua santidade: “Sede santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo” (Lv 19,1). Este imperativo se reveste de particular densidade quando acolhido como convite à verdadeira realização humana, pois toda vocação se concretiza na confluência entre a iniciativa gratuita de Deus e a adesão consciente e livre de quem é chamado: “Tu me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir” (Jr 20,7). A essa participação na santidade divina a tradição bíblica chamou positivamente de consagração ou pertença (cf. Ex 13,2; Lv 11,44),² antes mesmo de entendê-la como separação do que é profano ou purificação. Da parte do ser humano, trata-se de deixar-se possuir inteiramente por Deus para viver de acordo com a sua vontade. A santidade de Deus se revela no interior da autocomunicação do seu amor eterno, ao compartilhar sua intimidade com todos os que se dispõem a acolher sua iniciativa e a cooperar com ele, à semelhança de Jesus em sua íntima comunhão com o Pai. A tradição bíblica nos mostra que, embora envolto nas tramas de sua finitude, o ser humano amadurece como pessoa na medida em que se abre ao dinamismo do amor divino, testemunhando, assim, sua perene vocação à santidade.³

No Primeiro Testamento, a raiz hebraica da palavra santidade (שֶׁקֶט) aparece 842 vezes, com diferentes acepções. A trajetória do povo de Israel pode ser apresentada como uma espécie de arquétipo dessa experiência da santidade de Deus. Emblemática é a cena em que Moisés toma consciência de que o lugar em que o Senhor está é uma terra santa, exprimindo sua reverência diante do mistério que o fascina (cf. Ex 3,5). O Deus do êxodo, intervindo na história para libertar o seu povo, revela o esplendor de sua santidade (cf. Ex 15,11). O povo, por sua vez, é chamado a santificar-se para ir ao seu encontro no Sinai (cf. Ex 19,10). Israel é identificado como a “nação santa” (Ex 19,6), povo consagrado ao Senhor, escolhido para fazer resplandecer sua santidade

2. Cf. também: Ex 32,29; Lv 21,8; Jz 17,5; 2Sm 8,11; Jr 1,5; Lc 2,23; 1Pd 2,9-10.

3. Cf. GOFFI, Tullio; GENTILI, Antonio. Vocación a la santidad. In: VV. AA. *Diccionario de pastoral vocacional*. Salamanca: Sígueme, 2005. p. 1151.

4. Na teologia rabínica, a santidade de Deus está intimamente relacionada à justiça e à misericórdia e o chamado à santidade dirigido aos filhos de Israel (cf. Lv 19,2) implica necessariamente a conformidade com o modo de ser e de atuar daquele que é “o Santo”, através da permanente atenção aos seus ensinamentos, que devem se concretizar no cotidiano da vida. Cf. BRITO, Jacil Rodrigues. A relação mestre-discípulo nas tradições judaica e cristã.

RIBLA, Petrópolis, n. 40, pp. 153-158, mar. 2001.

5. Cf. OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Nossa resposta ao amor*. São Paulo: Loyola/IPV, 2001. p. 38.

6. Cf. AUNEAU, Joseph. Santidade. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Loyola/Paulinas, 2004. p. 1609.

sobre todos os povos da terra (cf. Dt 7,6). O Deus santo, embora habitando em luz inacessível, torna-se próximo do seu povo, movido por suas entranhas de misericórdia (cf. Ex 3,7-8). A santidade, de que fala a Lei (cf. Lv 17-26), ultrapassa os ritos e instaura uma nova maneira de ser e atuar, pautada no amor ao próximo (cf. Lv 19,18).

Os profetas fizeram avançar essa noção moral de santidade (cf. Is 6,13), exortando o povo a viver sempre de acordo com o dom recebido, consciente de que a consagração a Deus traz consigo a exigência ética de rupturas e de novas adesões, necessárias a uma conduta orientada pela justiça e pelo direito.⁴ Já não se pode ser o mesmo quando se vive na dinâmica da santidade. A experiência da santidade transforma a pessoa, fortalecendo-a interiormente, abrindo-a a novas relações, sempre em profunda sintonia com os dilemas da humanidade, de tal maneira que suas atitudes vitais deixem transparecer sua pertença ao Senhor.⁵ O Primeiro Testamento deixa bem claro que Deus não comunica sua santidade a pessoas isoladas, para satisfação de suas conveniências subjetivas, porque cada uma deve se santificar como membro de uma comunidade convocada e reunida por ele para uma missão no mundo (cf. Jr 1,5).

A missão é desdobramento constitutivo da eleição. Aquele que se dispõe a caminhar na santidade é *separado* para uma missão e *convocado* para um serviço (cf. Gn 18,19; Is 43,10). Este é, por exemplo, o significado da unção com óleo, gesto simbólico pelo qual se conferia a alguém uma função específica em benefício da comunidade (cf. Ex 29,1; 1Sm 16,12). O acolhimento do chamado divino à santidade se completa com a disposição operosa de compartilhar os frutos do dom recebido na experiência cotidiana, dentro de determinadas coordenadas históricas.

No Segundo Testamento, a noção de santidade, com todos os seus correlatos semânticos, aparece ao menos 230 vezes.⁶ Jesus de Nazaré se mostra fiel à tradição do seu povo quando, por exemplo, dirige sua oração ao “Pai Santo” (Jo 17,11), ensinando a fazer o mesmo (cf. Mt 6,9-13; Lc 11,1-4), e quando, em sua pregação, faz ecoar o imperativo

divino dirigido outrora a Israel: “Sede, portanto, perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48). Compartilhando com os discípulos sua singular experiência de intimidade com o Pai, ele os convida a se empenhar para que a santidade do seu nome seja sempre reconhecida (cf. Mt 6,9; Lc 11,2). Iluminadas pelo evento pascal, as comunidades identificam Jesus como o “Santo de Deus” (Jo 6,69),⁷ aquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo (cf. Jo 10,36). A santidade de Jesus, portanto, está intimamente associada à filiação divina (cf. Mc 15,39; Mt 16,16). Sua glória é aquela que ele recebeu do Pai como fonte e origem de toda santidade (cf. Jo 1,14).

O Espírito Santo acompanha e anima a missão de Jesus (cf. At 10,38). Ele caminha sempre na plenitude do Espírito (cf. Lc 4,1). Desde o início, seus discípulos foram formados no dinamismo do Espírito Santo (cf. At 1,2) para que pudessem acolher, assimilar e testemunhar a iniciativa amorosa do Pai revelada no Filho (cf. Jo 14,26). Ressuscitado, Jesus comunicou seu Espírito àqueles que o seguiam (cf. At 2,33) para que lhes recordasse tudo o que tinha feito e ensinado e para consolá-los e encorajá-los diante dos desafios. Por meio do seu Espírito, Jesus convida todos os seus seguidores à participação na santidade de Deus. Pela oferta total de si, leva à perfeição aqueles que santificou (cf. Hb 10,14). Os cristãos se reconhecem como “o sacerdócio régio, a nação santa, o povo que ele adquiriu” (1Pd 2,9), um povo adquirido pelo sangue de Cristo (cf. Ef 2,13), chamados a proclamar a santidade de Deus em meio às contradições e conflitos da história.

“Santos por vocação” (Rm 1,7),⁸ pois esta é a vontade de Deus (cf. 1Ts 4,3), os seguidores de Jesus acolhem a herança recebida de Israel e se dispõem a viver sempre unidos àquele que os chamou, consagrou e enviou: “Antes, como é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos, também vós, em todo o vosso proceder. Pois está escrito: ‘Sereis santos porque eu sou santo’” (1Pd 1,15-16). Também o Segundo Testamento deixa transparecer o caráter diaconal do chamado à santidade enquanto abertura ao mundo e serviço à

7. Cf. também: Mc 1,24; At 4,30; Ap 3,7.

8. A consciência de terem sido chamados a viver, proclamar e exortar à santidade leva os primeiros cristãos a se autodenominarem *santos* (cf. 1Cor 1,2; 2Cor 1,1; Ef 1,1; Cl 1,2; Hb 3,1; 13,24; Ap 8,3; 13,7.10; 14,12).

9. Para uma adequada compreensão crítica do fenômeno religioso na Pós-Modernidade e no atual cenário geopolítico mundial, ver: LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002 (com substanciais referências bibliográficas). Cf. também: GODOY, Manoel. Para uma pastoral do diálogo: nova cultura e nova religião. *Vida Pastoral*, São Paulo, ano 48, n. 255, pp. 11-21, jul./ago. 2007.

10. Emblemático, neste sentido, é o itinerário vocacional de Maria de Nazaré, condensado nos dois primeiros capítulos do Evangelho de Lucas, no contexto dos relatos da infância de Jesus. Ver também: Gn 18,19; Ex 3,7-12; Dt 7,1-16; Is 43,10; 49,7; Jr 1,4-10; Mt

comunidade, já que todo dom resulta em compromisso para os que seguem a Cristo: “Como bons administradores da multiforme graça de Deus, cada um coloque à disposição dos outros o dom que recebeu” (1Pd 4,10).

Das páginas da Sagrada Escritura emerge uma interpeção para o ser cristão na atualidade. Da aridez provocada pelo secularismo, a Pós-Modernidade viu irromper um caudaloso e difuso manancial religioso,⁹ desvinculado das instituições tradicionais, caracterizado pela fluidez de suas expressões, determinado por sua ênfase na experiência subjetiva e movido pela busca frenética de respostas imediatas, por vezes fantasiosas, para os anseios mais profundos da interioridade humana. Neste ambiente marcado pelo retorno sobre si, o valor da subjetividade degenera em subjetivismo e a dimensão pessoal da fé resvala para a privatização do sagrado transformado em mercadoria, promovendo, assim, o divórcio entre fé e vida.

Com base nessa mentalidade, a busca da santidade corre o risco de adquirir contornos ilusórios e evasivos, descambiando para a mera satisfação de demandas emocionais, encastelando indivíduos em seus próprios conflitos interiores e mantendo-os numa superficialidade letárgica que os torna incapazes de “dar a razão da [vossa] esperança a todo aquele que a pedir” (1Pd 3,15). Por outro lado, diante da instabilidade característica das atuais manifestações religiosas, há quem prefira reagir, atrelando-se às instituições de forma infantil e irracional, legitimando posturas anacrônicas e encerrando-se em castas de privilegiados, cujos discursos e práticas, incompatíveis com o que é propriamente humano, resultam inócuos e contraproducentes para a grande maioria. Neste contexto ambíguo, faz-se urgente afirmar que a santidade não se confunde com a indiferença diante da realidade que nos cerca ou com a insensibilidade diante dos dramas humanos.

Na perspectiva bíblica, a vocação à santidade, embora primeiramente pessoal, deve ser concebida e vivida em sua dimensão essencialmente relacional e comunitária (cf. Is 6,8-10; Mc 3,13-19),¹⁰ como participação na missão divi-

na, desde os níveis da família, da comunidade religiosa, do círculo de amizades, das microestruturas eclesiais, até os níveis da política, das instâncias sociais e da Igreja universal. A comunitariedade se estrutura mediante a interação entre pessoas e grupos, rompendo com toda forma de alienação, sectarismo, individualismo e isolamento narcísico. Num mundo dilacerado pelo egoísmo e pela injustiça, a correspondência ao chamado à santidade se traduz no empenho em favor da promoção da vida dos mais fracos, da superação das desigualdades e da busca da comunhão entre todos e com o cosmo. Deus não tem necessidade de reter consagrados para si. Se os retira, é para atirá-los; se os chama, é para enviá-los. Viver em Cristo para acolher o amor do Pai em virtude do Espírito (dimensão pessoal) supõe a abertura aos outros e a participação efetiva na constituição de uma comunidade concreta (dimensão comunitária), onde se possam estabelecer novas relações de fraternidade, cooperação e solidariedade, já que o dom recebido se difunde na experiência cotidiana da missão que dele procede.

Concílio Vaticano II: santidade como vocação de todo o Povo de Deus

No capítulo 5 da *Lumen Gentium*,¹¹ resgatando a noção bíblica de Povo de Deus, o Concílio Vaticano II assevera que todos os homens e mulheres são chamados a acolher o dom da santidade, cuja fonte é a Santíssima Trindade. Nascidos do ilimitado amor trinitário, somos predestinados à comunhão plena com Deus e chamados a pertencer à família divina. De seu coração Deus nos envia ao coração ferido do mundo com a missão de comunicar o seu amor e testemunhar o projeto de vida que ele tem para toda a humanidade, através do nosso próprio modo de viver e da participação nos processos de transformação da realidade. Nesse sentido, “a santidade seria, então, uma vida vivida como expressão do Mistério, como fascinação e encanto pela Trindade e pela vida que ela espalha pelo universo”.¹²

10,1-4; 12,18; Lc 6,12-16; Jo 1,35-51; 15,16; At 6,3,8-15; 10,41-42; 15,7; Tg 2,5. Sobre a relação intrínseca entre santidade e missão, cf.: OLIVEIRA, *Nossa resposta ao amor*, pp. 33-39.

11. Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. São Paulo: Paulus, 1997. nn. 39-42. A partir daqui, citaremos apenas LG. Para aprofundamento da temática da santidade nas elaborações do Concílio, ver: OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *A vocação universal à santidade: redescoberta do Vaticano II. Vida Pastoral*, São Paulo, ano 45, n. 236, pp. 15-20, maio/jun. 2004.

12. OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Qual o sentido da vocação e da missão?* São Paulo: Paulus, 2006. p. 29.

13. A título de exemplo, citamos um dos cânones do Concílio Tridentino sobre o sacramento do matrimônio, em que a união conjugal recebe *status* de inferioridade em relação àquilo que é próprio da Ordem e da profissão religiosa: “Se alguém disser que o estado conjugal deve ser preferido ao estado de virgindade ou celibato, e que não é melhor e mais valioso permanecer na virgindade ou celibato do que se unir em matrimônio: seja anátema”. In: DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 1997. n. 1810.

14. O *Código de Direito Canônico*, no cân. 210, corrobora a intuição do Concílio Vaticano II.

15. OLIVEIRA, *Qual o sentido da vocação e da missão?*, p. 31.

A Igreja, em seu mistério mais íntimo, é santa, já que Cristo a amou como esposa e por ela se entregou para santificá-la (cf. Ef 5,25-26), enriquecendo-a com o dom do Espírito Santo para a glória de Deus Pai. Portanto, a origem da santidade da Igreja não é outra senão a iniciativa amorosa da Trindade (cf. LG, n. 39). Na comunidade eclesial todos são chamados a responder livremente a essa vocação universal recebida de forma totalmente gratuita. Abrindo caminho para a superação da ambígua concepção da santidade como monopólio e privilégio dos chamados “estados de perfeição”, amplamente difundida a partir do Concílio de Trento (1545-1563),¹³ o Concílio Vaticano II afirma enfaticamente que “todos na Igreja [...] são chamados à santidade” (LG, n. 39), cada um a partir do seu próprio estado de vida, onde se manifestam os “frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis” (LG, n. 39), sem privilegiar uma categoria em detrimento da outra.¹⁴ A mesma vocação à santidade pode ser vivida de maneira bem diferente por cada um que se dispõe a perscrutar os apelos de Deus em sua própria consciência, nas pessoas que com ele interagem e nos acontecimentos da vida. Isso explica a variedade de vocações na comunidade eclesial.

O Espírito de Jesus derrama, com total prodigalidade e generosidade, as suas graças sobre todos aqueles e aquelas que, pelo Batismo, foram enxertados no mistério de Cristo e passaram a encontrar nele o mais profundo e verdadeiro sentido de sua identidade. Consequentemente, a santidade não é propriedade privada de nenhuma pessoa e de nenhum grupo.¹⁵

Houve um período em que a vocação específica dos religiosos e das religiosas foi considerada como a única forma de vida perfeita. Depois, emergiu a crescente hierarquização e clericalização da Igreja, com a concentração do poder e de toda a responsabilidade pastoral nas mãos dos ministros ordenados. Em ambos os casos, a vocação dos fiéis leigos foi relegada a uma condição de inferioridade e jamais reconhecida como autêntico caminho de santidade.¹⁶ Apesar do no-

tável influxo de grandes luminares dos séculos XVI e XVII, como São Francisco de Sales (1567-1622), que propunha indistintamente a todos os cristãos o cultivo da “vida devota”,¹⁷ e São Vicente de Paulo (1581-1660), que redescobriu, valorizou e promoveu o protagonismo dos leigos, especialmente das mulheres, na Igreja e na sociedade,¹⁸ a concepção de santidade, ancorando-se nos postulados jansenistas, foi-se restringindo cada vez mais, a ponto de ser identificada como meta unicamente dos já mencionados “estados de perfeição”. O Concílio Vaticano II, voltando às fontes bíblicas e patrísticas e instaurando uma nova mentalidade eclesial, recapitula a vocação universal à santidade, antes associada ao rigor ascético de alguns heróis e desvinculada do cotidiano dos fiéis que fazem pulsar o dinamismo da fé em meio às chamadas realidades terrestres.¹⁹ O Concílio insistiu bastante na afirmação da comum dignidade e da igualdade fundamental entre todos os membros do Povo de Deus, sem deixar de reconhecer a legítima diversidade de vocações, carismas e ministérios que enriquecem e dinamizam a vida da Igreja.

A resposta ao chamado à santidade, inerente à vocação batismal, realiza-se no seguimento de Jesus Cristo e na consequente orientação fundamental de nossas vidas para o amor incondicional a Deus e ao próximo, por meio do qual tendemos à perfeição evangélica. Com efeito, “o primeiro e mais necessário dom é a caridade, com que amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo por amor dele” (LG, n. 42). Pelo Batismo, acolhendo e explicitando o dom da filiação divina, os cristãos se comprometem a conservar e aperfeiçoar na sua vida a santidade que receberam (cf. LG, n. 40), alimentando-a com a escuta da Palavra, a celebração dos sacramentos, a oração constante e o serviço abnegado aos seus semelhantes (cf. LG, n. 42). A santidade empenha toda a nossa existência na direção de uma progressiva conformidade com a pessoa de Jesus em sua fidelidade à missão recebida do Pai e em sua doação total aos irmãos e irmãs, de tal maneira que possamos viver como eleitos de Deus, santos e amados, revestindo-nos da caridade, que é o vínculo

16. Cf. OLIVEIRA, *Nossa resposta ao amor*, pp. 11-12.

17. Bastaria ler o que se encontra no capítulo III da primeira parte de sua revolucionária obra, publicada em 1609, que tanto impacto produziu na vida espiritual de numerosas gerações de cristãos empenhados em viver a santidade dentro dos diferentes estados de vida: “O Senhor, criando o universo, ordenou às árvores que produzissem frutos, cada uma segundo a sua espécie; e ordenou do mesmo modo a todos os fiéis, que são as plantas vivas de sua Igreja, que produzissem dignos frutos de piedade, cada um segundo o seu estado e vocação”.

SÃO FRANCISCO DE SALES. *Filoteia*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. pp. 35-36.

18. Cf. PRAGER, John. San Vicente de Paúl y el ministerio laical. *Vincentina*, Roma, año 46, n. 4-5, pp. 318-325, jul./oct. 2002.

19. Com efeito, antes do Concílio Vaticano II, "o conceito corrente de santidade estava muito distante da realidade do fiel comum. Era considerada um raríssimo privilégio de alguns heróis". Cf.: MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à história da Igreja*. 5. ed. Belo Horizonte: O Luta-dor, 1997. v. 2., pp. 258-259.

20. Cf. OLIVEIRA, *Nossa resposta ao amor*, pp. 46-47.

21. Cf. GOFFI; GENTILI, *Vocación a la santidad*, pp. 1154-1155.

22. "Sem opção verdadeira e preferencial pelos excluídos e excluídas, não existe caminho para a santidade. Todo aquele e aquela que realmente deseja viver a experiência da santidade terá necessariamente que ser sensível aos gritos dos deserdados do mundo". In: OLIVEIRA, *Qual o sentido da vocação e da missão?*, p. 34.

da perfeição (cf. Cl 3,12-13), a partir do próprio cotidiano, das condições normais da vida, nas diferentes circunstâncias, tempos e espaços em que nos é dado viver e atuar (cf. LG, n. 41). Devemos florescer onde o Senhor nos plantou. Faz-se necessário, então, levar a sério a forma de vida para a qual fomos chamados, assumindo o que somos e o que devemos realizar no seio da comunidade, com entusiasmo e liberdade.²⁰

A partir do Concílio Vaticano II, o enfoque já não recai sobre a ascese individual e o cultivo de práticas piedosas de caráter intimista. Na perspectiva conciliar, o que importa é o progressivo esvaziar-se de toda autossuficiência e artificialidade para impregnar-se do espírito de Cristo em seu indiviso amor ao Pai e aos irmãos.²¹ Às virtudes ascéticas devem-se unir as virtudes éticas, que não se circunscrevem aos pacíficos ambientes dos templos nem às fronteiras da instituição eclesial, mas são definidoras do tipo de santidade de que o mundo hoje necessita: uma santidade corajosamente dinâmica e perigosamente próxima das encruzilhadas da história, onde a vida se encontra ameaçada pelo abandono, pela pobreza, pela violência e pela injustiça. Assim, correspondendo ao dom da santidade, todo o Povo de Deus, na multiplicidade articulada de vocações e ministérios, busca incessantemente a plenitude da vida cristã e a perfeição na caridade, para instaurar no mundo um teor de vida mais humano, enveredando sem hesitação pelo caminho da fé viva, que excita a esperança e opera a caridade (cf. LG, nn. 40-41). O dom da vocação batismal converte-se em compromisso efetivo com a transformação do mundo para torná-lo mais habitável, de acordo com os desígnios do Criador e Pai.

Ao tratar do multiforme exercício da única santidade, o Concílio afirma que os pobres e todos os que sofrem estão particularmente associados ao mistério de Cristo: "Todos quantos se vêem oprimidos pela pobreza, pela fraqueza, pela doença ou tribulações várias, e os que sofrem perseguição por amor da justiça, saibam que estão unidos, de modo especial, a Cristo nos seus sofrimentos pela salvação do mundo"

(LG, n. 41). Mas não são apenas as vicissitudes que unem os pobres ao Senhor. Na vida cristã, o modo de ser pessoa do pobre é o que melhor corresponde ao dom da santidade, por ser o modo pelo qual o Filho de Deus assumiu a nossa condição humana (cf. 2Cor 8,9). Trata-se, portanto, do estilo de vida requerido pelo Reino (cf. Mt 5,3; Lc 6,20). A solidariedade compassiva e operosa para com os menores dos irmãos de Jesus constitui uma exigência intrínseca a todo e qualquer caminho de santidade (cf. Mt 25,31-46).²² Madre Teresa de Calcutá (1910-1997) sintetizou essa verdade dizendo aos seus colaboradores: “A santidade não é um luxo para poucos, mas um simples dever para você e para mim. Quanto mais íntimo o seu amor por Jesus, mais santo você será. Quanto mais santo você for, mais um instrumento de seu amor, de sua presença e de sua compaixão para com os pobres você poderá ser”.²³

O magistério pós-conciliar não deixou de fazer repercutir o chamado universal à santidade, associando-o à missão da Igreja inserida no mundo. O Papa João Paulo II, preparando o Jubileu do ano 2000 e tendo em vista “o revigoramento da fé e do testemunho dos cristãos”, chamou a atenção para a necessidade de “suscitar em cada fiel *um verdadeiro anseio de santidade*, um forte desejo de conversão e de renascimento pessoal num clima de oração cada vez mais intensa e de solidário acolhimento do próximo, especialmente do mais necessitado”.²⁴ No alvorecer do novo milênio, o mesmo pontífice atualizou esse insistente apelo à santidade, “medida alta da vida cristã ordinária”, inerente ao discipulado de Jesus, como meta de toda a vida da Igreja. De fato, a santidade, cujos percursos exigem uma pedagogia própria, capaz de adaptar-se à estrutura de cada pessoa e aos diferentes contextos, é o horizonte para o qual deve tender todo caminho pastoral.²⁵

As intuições do Concílio Vaticano II confluem na direção de uma nova compreensão do chamado à santidade como decorrência da vocação batismal, pela qual somos introduzidos no Povo de Deus e constituídos membros da comunidade eclesial para o serviço do Reino.²⁶ Com efeito, o

23. MOTHER TERESA. *Come be my light*. San Diego: Mother Teresa Center, 2003. p. 2.

24. JOÃO PAULO II. *Carta apostólica Tertio Millennio Adveniente*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 1998. n. 42. (Coleção A voz do Papa, n. 137.)

25. Cf. JOÃO PAULO II. *Carta apostólica Novo Millennio Ineunte*. São Paulo: Paulinas, 2001. nn. 31-32. (Coleção A voz do Papa, n. 180.)

26. Sobre o tema da vocação batismal, ver: CNBB. *Batismo, fonte de todas as vocações*. Texto-base do Ano Vocacional. Brasília, 2003. Cf. também: OLIVEIRA, *Qual o sentido da vocação e da missão?*, pp. 7-24. Um bom resumo pode ser encontrado em: *A vocação batismal: fonte da comum dignidade e da legítima diversidade. Vida Pastoral*, São Paulo, n. 228, pp. 3-8, jan./fev. 2003.

27. A expressão “chamado dentro do chamado” sintetiza uma forte experiência espiritual de Madre Teresa de Calcutá a respeito da sua vocação. Convicta do chamado à total consagração de si mesma a Deus para o serviço dos pobres e já pertencendo a uma congregação religiosa (Irmãs de Loreto), Madre Teresa sentiu-se impelida a dotar sua vocação de feições próprias, radicalizando sua consagração ao Senhor e doando-se sem reservas aos “mais pobres dos pobres”, formando para isso uma comunidade que se dispusesse a compartilhar do mesmo ideal. A concretização de tal intuição foi a fundação das Missionárias da Caridade. “Foi nesse dia [10 de setembro] de 1946, no trem para Darjeeling, que Deus me fez o ‘chamado dentro do chamado’ para

Batismo constitui a fonte de todas as vocações específicas como formas concretas de viver o discipulado e a missionariedade no coração do mundo. A dignidade fundamental da vida cristã provém do Batismo, não do sacramento da Ordem ou da profissão religiosa, como se parece supor em determinadas situações no interior da própria Igreja. Inserir a vida e a missão dos consagrados e clérigos no panorama mais amplo da vocação batismal significa não sobrepor as vocações específicas à vocação fontal, evitando que o chamado universal à santidade se reduza arbitrariamente a privilégio ou exclusividade deste ou daquele modo de viver o Batismo. As vocações específicas são, na verdade, chamados dentro do grande chamado à santidade entendida como horizonte da realização humana.²⁷

O desafio que se impõe, portanto, é o da superação de toda forma de complexo de superioridade e autoritarismo tirano por parte de ministros ordenados, religiosos e religiosas em relação a leigos e leigas, até mesmo nas instâncias reflexivas, consultivas, deliberativas e operativas da Igreja. Tal desafio é mais abrangente do que se imagina, podendo ser facilmente dissimulado toda vez que uma das partes implicadas quer se eximir das responsabilidades inerentes ao seu estado de vida ou absorver tarefas que devem ser desempenhadas por outros ou compartilhadas entre todos. Sob tais pretextos, não se justifica impor aos leigos as *cargas* mais pesadas, impedindo-os de viver plenamente sua própria vocação no seio da família e da sociedade, enquanto os *cargos* de maior relevância e projeção continuam concentrados nas mãos do clero. A dimensão apostólica inerente à vocação cristã reclama para si o reconhecimento da plena cidadania de todos os batizados e a consequente superação da mentalidade que reduz a ministerialidade dos leigos à condição de suplência em relação aos ministros ordenados. Neste caso a vocação laical seria destituída de sua identidade própria e os ministérios só seriam confiados aos leigos em razão da falta de padres.

Não se pode pensar a Igreja sem a interação e a corresponsabilidade entre as três vocações paradigmáticas (laicato, Vida Consagrada e ministérios ordenados) que contextualizam e

visibilizam os variados aspectos do mesmo e único chamado à santidade. “Nessa perspectiva, acentuar ou valorizar uma delas em detrimento das outras duas é mutilar profundamente a riqueza da comunidade eclesial.”²⁸ A eficácia de nosso compromisso eclesial e de nossa ação pastoral está intimamente vinculada à redescoberta do Batismo como o sacramento primordial, que abre os horizontes da consagração, fundamenta a comum dignidade e legitima a diversidade de vocações, ministérios e carismas. Só assim poderemos colaborar na construção de uma Igreja missionária, descentrada de si mesma, toda ministerial, que se alimenta da comunhão e da participação entre os seus membros e se reconhece como servidora peregrina da humanidade.

Conferência de Aparecida: chamados à santidade no seguimento de Jesus

O Documento Final da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, realizada em Aparecida, São Paulo, de 13 a 31 de maio de 2007, dedica o capítulo IV à “vocação dos discípulos missionários à santidade”.²⁹ Pelo Batismo, o Pai nos chama a ser discípulos missionários de Jesus Cristo. No seguimento de Jesus, encontra-se o nosso caminho de santidade, por meio do qual entramos na comunhão trinitária, a partir da inserção na comunidade eclesial (cf. *DA*, n. 153). O que nos define, portanto, é “o amor recebido do Pai graças a Jesus Cristo pela unção do Espírito Santo” (*DA*, n. 14). Por meio desse amor, que encharca a criação inteira, “Deus Pai sai de si para nos chamar a participar de sua vida e de sua glória” (*DA*, n. 129). A história de Israel se desenvolve em torno da experiência fundante da proximidade misericordiosa de Javé para com o seu povo escolhido, fazendo-o “partícipe de sua verdade, sua vida e sua santidade” (*DA*, n. 129), sobretudo em momentos de opressão e abandono (cf. Ex 3,7-8).

Jesus Cristo é a plena e definitiva revelação do amor fontal da Trindade, amor que se derrama no coração do ser humano e preside a marcha da história. “Deus, que é Santo e nos

saciar a sede de Jesus, servindo-o nos mais pobres dos pobres”. A Madre considerava esse dia, depois celebrado como “Dia da Inspiração”, como o marco do começo de sua Congregação. Cf. KOLODIEJCHUK, Brian. *Madre Teresa*; venha, seja minha luz. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2008. p. 54. Valendo-se dessa analogia com a vocação de Madre Teresa, poder-se-ia dizer: assim como o chamado a ser missionária da Caridade explícita e desenvolve, de uma maneira singular, o chamado a consagrar-se a Deus para o serviço dos pobres; assim toda vocação específica (leiga, religiosa, presbiteral etc.) explícita e desenvolve, de um modo próprio, a vocação universal à santidade.

28. OLIVEIRA, *Nossa resposta ao amor*, p. 13.

29. CELAM. *Documento de Aparecida*. Brasília/São Paulo: CNBB/ Paulinas/ Paulus, 2007. nn. 129-153. Doravante, citaremos apenas DA.

30. OLIVEIRA, *Qual o sentido da vocação e da missão?*, p. 48.

31. Sobre a relação de Jesus com o universo cultural e religioso do judaísmo, cf.: TEPE, Valfredo. *Antropologia cristã*; diálogo interdisciplinar. Petrópolis: Vozes, 2004. pp. 225-226.

32. BENTO XVI. Discurso inaugural da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, n. 3. In: DA, n. 146.

33. Tal parece ser o sonho expresso pelo Cardeal Martini: "Sim, quero uma Igreja aberta, uma Igreja cujas portas estejam abertas para os jovens, uma Igreja cujo olhar se volte para longe. A Igreja não se torna atrati-

ama, nos chama por meio de Jesus a sermos santos (cf. Ef 1,4-5)" (DA, n. 130). A vida de Jesus de Nazaré aponta para a realização do projeto do Pai no mundo, para a realização de sua vontade. A esse projeto chamamos Reino de Deus, opção fundamental de Jesus e núcleo estruturante de sua missão. "O Reino de Deus significa essencialmente a libertação integral realizada por Deus, trazendo vida verdadeira para as pessoas concretas."³⁰ Nosso caminho de santidade supõe, portanto, o compromisso decidido com a causa do Reino, causa pela qual viveu, morreu e ressuscitou Jesus. Na vida cristã, o encontro com Cristo constitui o ponto de partida de toda verdadeira experiência de Deus e de nossa atuação na história.

O discípulo experimenta que a vinculação íntima com Jesus no grupo dos seus é participação da Vida saída das entranhas do Pai, é formar-se para assumir seu estilo de vida e suas motivações (cf. Lc 6,40b), correr sua mesma sorte e assumir sua missão de fazer novas todas as coisas (DA, n. 131).

Do encontro com Cristo, aprofundado na convivência, nasce o desejo de segui-lo. O seguimento de Jesus, polo dinamizador da vida cristã, desdobra-se em duas grandes dimensões: o discipulado e a missão. Como nos garante o Evangelho de Marcos, Jesus escolheu seus discípulos "para que ficassem com ele e para que os enviasse a anunciar a Boa-Nova" (Mc 3,14). Estar com Jesus é condição indispensável para conhecê-lo intimamente, identificar-se com ele, percorrer o seu caminho, assumir a sua causa e anunciá-lo como Boa-Notícia aos demais. Na tradição judaica, da qual Jesus é legítimo herdeiro,³¹ a relação entre mestre e discípulo ultrapassa os limites da transmissão do conhecimento e se consolida na comunhão entre ambos. O discípulo não apenas senta-se aos pés do mestre para deixá-lo falar, mas faz uma adesão consciente e livre ao conteúdo da sua mensagem e ao seu estilo de vida, acompanhando-o por onde quer que vá. Mas isso não significa que o discípulo tenha de reproduzir mimeticamente gestos e palavras do seu mestre

dentro de coordenadas históricas distintas. O desafio que se impõe ao discípulo consiste, sobretudo, em perscrutar as intuições mais profundas daquele que lhe comunicou sua própria experiência para atualizá-las em seu cotidiano, ao enfrentar situações e conflitos semelhantes ou imprevistos, sempre à luz daqueles valores básicos que lhe foram transmitidos na convivência com o mestre: “[...] quem crê em mim fará as obras que eu faço, e fará ainda maiores do que estas” (Jo 14,12).

A experiência dos primeiros seguidores de Jesus atesta que é do discípulo que nasce o missionário: “Discipulado e missão são como as duas faces da mesma moeda: quando o discípulo está apaixonado por Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só ele nos salva (cf. At 4,12)”.³² Os apóstolos não tardaram em assimilar as exigências do mandato missionário (cf. Mc 16,15). Por isso, embora enfrentando perseguições, “não cessavam de ensinar e anunciar que Jesus é o Cristo” (At 5,42), indo “por toda a parte” (At 8,4). Em seu itinerário apostólico, Paulo vincula o chamado à santidade (cf. 1Cor 1,2) ao imperativo da evangelização: “Pois, anunciar o Evangelho não é para mim motivo de glória. É antes uma necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!” (1Cor 9,16). À vocação à santidade corresponde, portanto, a missão de evangelizar, tarefa fundamental da Igreja, destinada a abrir-se a toda a humanidade e a não se encerrar em suas próprias estruturas e esquemas previamente concebidos.³³ O autêntico discípulo tem consciência de que os valores assimilados na convivência com o Mestre, aprofundados na escuta da Palavra, celebrados na liturgia e assumidos como norma do agir, são os que melhor correspondem ao sentido da vida.³⁴ Por isso não pode deixar de transmitir aos irmãos e irmãs, através do testemunho, do serviço, do diálogo e do anúncio, a fascinante descoberta do encontro com Cristo.

Quando cresce no cristão a consciência de pertencer a Cristo, em razão da gratuidade e alegria que produz, cresce também o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro. A mis-

va por adaptação e por ofertas mornas. Confio na palavra radical de Jesus, que devemos traduzir para o nosso mundo, como ajuda para viver, como Boa-Notícia que Jesus nos quer trazer. Traduzir não significa tornar inofensiva. Através da nossa vida, com coragem para escutar a Palavra e dar dela testemunho, a Palavra de Jesus vai mostrar sua pertinência na atualidade”. In: MARTINI, Carlo Maria; SPORSCHILL, Georg. *Diálogos noturnos em Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 137.

34. De fato, “sendo Jesus aquele que revela cada pessoa a si mesma, ajudando-a a descobrir a própria vocação (cf. GS, n. 22), então é claro que a resposta ao chamado divino só se torna autêntica quando se faz seguimento de Cristo”. In: OLIVEIRA, *Qual o sentido da vocação e da missão?*, p. 43.

são não se limita a um programa ou projeto, mas é compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo (cf. At 1,8) (DA, n. 145).

Para que possa evangelizar, o discípulo é chamado a assumir como próprio o modo de ser e de atuar de Jesus, compartilhando de sua opção fundamental pelo Reino, opção que se desdobra no amor e na obediência incondicional ao Pai e na doação total de si aos irmãos, especialmente aos mais pobres, enfraquecidos e abandonados. Enquanto vivência radical do amor a Deus e ao próximo, a santidade constitui a forma mais autêntica de evangelização,³⁵ sobretudo nestes tempos em que se constata a crescente ruptura entre os discursos, as reais convicções e as vivências concretas. Dessa forma, o discípulo missionário encarna em sua própria existência a verdade que ele anuncia, realizando suas atividades ordinárias de maneira extraordinária e vivendo a santidade na simplicidade transparente do seu cotidiano, a fim de “gritar o Evangelho com a vida”, conforme a contundente intuição de Charles de Foucauld (1858-1916).

No seguimento de Jesus Cristo, aprendemos e praticamos as bem-aventuranças do Reino, o estilo de vida do próprio Jesus: seu amor e obediência filial ao Pai, sua compaixão entranhável frente à dor humana, sua proximidade aos pobres e aos pequenos, sua fidelidade à missão encomendada, seu amor serviçal até à doação de sua vida [...] (DA, n. 139).

A centralidade do Mestre na vida do discípulo faz com que Cristo se torne o critério orientador de todas as suas decisões e escolhas, direcionando sua vida na perspectiva do Reino. Conhecemos a exortação com que São Bento de Núrsia (480-547) condensa toda a riqueza da centralidade de Cristo na vida daqueles que o seguem: “Nada absolutamente antepõem a Cristo”.³⁶ Vale recordar também o conselho dado por São Vicente de Paulo a um jovem padre da sua Congregação, que acabara de ser nomeado superior

35. Sobre a santidade como testemunho de vida, ver: OLIVEIRA, *Nossa resposta ao amor*, pp. 39-43.

36. *Regra de São Bento*, LXXII, 11.

de uma comunidade local: “Quando se trata de fazer alguma boa obra, dizei ao Filho de Deus: ‘Senhor, se estivesse em meu lugar, como agirias nesta ocasião?’” (SV XI, 348). Trata-se de assumir o desafio de seguir Jesus, vivendo como ele na liberdade do Espírito, em conformidade com o projeto do Pai e em estado de vigilância ativa diante dos sinais dos tempos. “[...] Hoje, contemplamos a Jesus Cristo tal como os Evangelhos nos transmitem para conhecermos o que ele fez e para discernirmos o que nós devemos fazer nas atuais circunstâncias” (DA, n. 139).

Toda a vida de Jesus de Nazaré foi animada pela ação do Espírito Santo (cf. At 10,38). Eis como se define o inequívoco conteúdo programático de sua missão: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu, para anunciar a Boa-Nova aos pobres: enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano aceito da parte do Senhor” (Lc 4,18-19). No início de sua vida pública, depois do Batismo, o Espírito conduziu Jesus ao deserto (Mc 1,12-13), a fim de prepará-lo para os desafios da missão, orientando-o no amadurecimento de sua opção fundamental pelo Reino, no discernimento da vontade do Pai e no propósito de colocar-se a serviço de todos, sobretudo dos marginalizados. Movido pelo Espírito, Jesus venceu as tentações de seguir outros caminhos, mantendo-se firme na fidelidade ao Reino de Deus até a Cruz. Seus discípulos foram formados no Espírito Santo (cf. At 1,2) para que pudessem acolher, assimilar e testemunhar a iniciativa amorosa do Pai manifestada no Filho (cf. Jo 14,26). Desde Pentecostes, os seguidores de Jesus experimentam permanentemente a ação revitalizadora do Espírito, suscitando diversos dons e carismas (cf. 1Cor 12,1-11) e articulando-os em favor da missão (cf. DA, n. 149). O Espírito na Igreja é o protagonista da missão: suscita e forma discípulos, tornando-os continuadores da missão que Jesus recebeu de seu Pai (cf. Jo 20,21). A ação do Espírito na comunidade dos discípulos missionários consiste em manter viva a memória do Mestre, recordando-nos tudo o

que ele fez e ensinou e possibilitando a conformidade com o seu estilo de vida; em despertar nossa criatividade para que possamos descobrir caminhos novos na ação evangelizadora; em consolar-nos diante dos desafios e mobilizar nossas energias em vista da construção de um mundo melhor. Formando-nos como discípulos e animando-nos na missão, o Espírito nos conduz à santidade.

O Espírito Santo, que o Pai nos presenteia, identifica-nos com Jesus-Caminho, abrindo-nos a seu mistério de salvação para que sejamos filhos seus e irmãos uns dos outros; identifica-nos com Jesus-Verdade, ensinando-nos a renunciar a nossas mentiras e ambições pessoais; e nos identifica com Jesus-Vida, permitindo-nos abraçar seu plano de amor e nos entregar para que outros “tenham vida nele” (DA, n. 137).

Aparecida nos ajuda a redescobrir uma nova maneira de viver a espiritualidade cristã como modo próprio de enraizar-se em Deus e relacionar-se com o mundo. Uma espiritualidade trinitária, encarnada na realidade, geradora de convicções firmes e motivações profundas, capaz de sustentar, estimular e exprimir a busca permanente da santidade em meio às contradições do nosso continente, empreendendo um contínuo processo de conversão pessoal, comunitária, pastoral e institucional. A fé cristã se funda na experiência do encontro com Cristo como a plena manifestação do amor de Deus, cujas feições são mais maternas do que paternas e cuja misericórdia, cheia de ternura, é capaz de perdoar, restituir a esperança e fazer recomeçar.³⁷ A vida de Jesus testemunha que “Deus é amor” (1Jo 4,8). Nele “está a origem, o essencial, para o qual temos de voltar sempre, sobretudo em épocas de instabilidade e de mudança”.³⁸ O núcleo estruturante de sua missão consiste em viver para o Pai, numa relação de total confiança e abandono, e para os irmãos, no serviço e na oferta, fazendo do Reino sua opção fundamental, até o dom de si mesmo, “para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Seu modo de ser e de atuar, sua fascinante liberdade diante das

37. Cf. TEPE, *Antropologia cristã*, p. 297.

38. MESTERS, Carlos. Voltar às origens: voltar ao essencial da Boa-Nova que Jesus nos trouxe. *Convergência*, Rio de Janeiro, ano XLI, n. 389, p. 14, jan./fev. 2006.

leis, instituições, ideologias e estruturas do seu tempo, seus sentimentos mais profundos, sua compaixão para com os enfraquecidos e desprezados definem os traços da conduta de todos os que querem segui-lo, acolhendo o chamado à santidade. Nossa conformidade com Cristo, portanto, está associada à vivência de uma liberdade orientada pelos valores do Reino e em ordem à sua realização histórica, a partir do cotidiano. Da sintonia com o espírito de Cristo (cf. Rm 13,14), pressuposto da santidade cristã, resulta o empenho em assumir o Evangelho como norma suprema do agir e centro dinamizador dos nossos projetos pessoais e comunitários, abraçando o mundo inteiro num gesto profético de compromisso com a transformação de suas estruturas, conforme a inequívoca intuição do *Documento de Aparecida*:

Ao participar dessa missão, o discípulo caminha para a santidade. Vivê-la na missão o conduz ao coração do mundo. Por isso, a santidade não é fuga para o intimismo ou para o individualismo religioso, tampouco abandono da realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo, e muito menos fuga da realidade para um mundo exclusivamente espiritual (DA, n. 148).

Consideração final

A vocação à santidade encontra sua origem e seu termo na gratuidade do amor trinitário. Para nós que peregrinamos por entre as vicissitudes da história, trata-se de um ideal a ser permanentemente buscado e cotidianamente vivido, um apelo utópico que nos faz penetrar as profundezas da vida e alargar os horizontes de nossa esperança e de nosso engajamento solidário, despertando nossa criatividade, tirando-nos da inércia, inspirando atitudes, palavras e ações, fazendo-nos encontrar as mediações históricas que dotam de concretude os valores e ideais que regem a nossa conduta. Chamado à participação na vida divina, todo o Povo de Deus, em razão do próprio Batismo, se reconhece como comunidade de discípulos missionários de Jesus Cristo,

convocados pela Trindade Santa a assumir, com lucidez e vigor, os desafios do mundo de hoje, no qual se mesclam feitos grandiosos de sabedoria e altruísmo com abismos nefastos de ambição e perversidade. Em meio aos conflitos e contradições, os cristãos são chamados a envidar esforços na construção de uma nova história, sempre a partir dos valores do Reino, até que nos seja dado contemplar o fulgor radioso da santidade de Deus, vivendo em plenitude o que agora incessantemente buscamos.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como harmonizar a dimensão pessoal e a dimensão comunitária da vocação à santidade, de tal maneira que uma estimule a outra?
2. Em que sentido o chamado à santidade constitui a fonte da comum dignidade e da legítima diversidade de vocações, carismas e ministérios?
3. Que significa seguir Jesus na busca permanente da santidade, em meio aos desafios dos diferentes contextos em que estamos inseridos?

1ª parte

TEA FRIGERIO*

Começo de conversa

Na história bíblica o termo *votos* não existe. Na língua hebraica se traduz como *pacto, aliança, promessa*. Também não o encontramos nos Evangelhos. Jesus, a discípulos e discípulas, não pede votos, nem os pede ao povo, tampouco pede sacrifícios. O vocábulo *votos* aparece unicamente referindo-se a Paulo, que tinha feito voto de cortar o cabelo (At 18,18).

Isso significa que, para justificar os votos, temos de buscar algo profundamente interior, que não é de umas poucas pessoas, mas que pertence à inquietude humana e à sua busca de sintonia com o universo e o divino. Alguns salmos podem nos ajudar: Sl 22,26; 35,18; 40,7-10; 116,14. Percebemos que o contexto é de calamidade, grande sofrimento pessoal ou coletivo, na peregrinação ao Santuário num contexto dinâmico de busca: chegar ao Santuário para cumprir seus votos quer dizer renovar a aliança na certeza da presença do Senhor. O povo latino-americano conhece bem esta experiência.

O contexto histórico que inspirou os votos foi uma profunda inquietude. Surgiram de uma profunda busca ética e mística que foi cultivada nas perguntas *Deus, onde estás? Onde vives? Onde te encontras? Quando e como te encontramos?* Então, os votos não são um fim, são somente um meio, um itinerário. Fazem parte da precariedade da história que assumimos e com a qual caminhamos.

Hoje temos muitos motivos para afirmar que vivemos situações de precariedade. Nesta história Pós-Moderna

*** Tea Frigerio** é missionária de Maria-Xaveriana. Formada em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Pós-graduada em Assessoria Bíblica pelo DABAR (CEBI - EST). Atualmente, coordena o Programa de Formação Nacional. Desenvolveu tais atividades morando nas periferias de Belém, numa comunidade inserida desde 1986. **Endereço da autora:** Rua Veiga Cabral 447, Cidade Velha, CEP 66023-630, Belém-PA. Tel.: (91) 3225-0699. E-mail: t_frigerio@hotmail.com.

o povo mantém o mesmo sonho: viver relações de amor interpessoais e comunitárias, relações circulares, poderíamos dizer relações castas; viver a justiça, pois muitos vivem no limite da sobrevivência, a vida do planeta está ameaçada, então faz voto de viver uma vida sóbria; sonha participar na construção da história, para obedecer verdadeiramente e ser protagonista no empenho de manter a vida. Os votos, assim, se pronunciam para sonhar com Deus e com o povo, para não abandonar nem Deus nem o povo.

Estamos num tempo que poderíamos chamar de transição: o passado muitas vezes não nos fala mais, o presente é feito de buscas que nem sempre nos dão a certeza de termos acertado o caminho, o futuro está envolto em névoas. Que fazer? Precisamos reaprender a ler o tempo, por isso vos convido a refletir comigo sobre um texto que em geral passa despercebido.

Reaprender a ler o tempo

Reaprender a ler o tempo, não o passado nem o futuro, mas o presente, o tempo que estamos vivendo. Deixamo-nos inspirar por um texto do Evangelho de Lucas: 23,50-56.

Os fenômenos históricos contêm em seu bojo ambiguidades e são profundamente complexos. Às vezes os criticamos ou fazemos uma análise da conjuntura sublinhando os aspectos negativos. Precisa-se ir além da crítica. A solidariedade com a história assemelha-se à compaixão, aponta para o viver juntos(as), com a mesma paixão, quer as vitórias, quer as derrotas.

A paixão é sentimento que tem em si aspectos negativos e positivos, e a história é marcada por dores e alegria, por acertos e erros. Compreender a vida dessa forma nos ajuda a superar o anseio profundo que temos em nós de alcançar a perfeição. A intolerância pode nascer da idéia que a vida cristã é vida de perfeição. Ao nos julgar perfeitos(as), tornamo-nos intolerantes para as imperfeições dos(as) outros(as).

Reconhecer nossa imperfeição é o primeiro passo para cultivarmos a tolerância pela imperfeição dos(as) outros(as).

Podemos fazer uma leitura da história que nos deixa desiludidos(as), sem esperança, ou ter um olhar de observador(a). A reflexão que queremos fazer tem como finalidade fortalecer o sentimento de que estamos na história como filhos e filhas, apaixonados(as) por este tempo e comprometidos(os) em renová-lo. O texto de Lucas, texto em geral esquecido, nos ajuda a salientar alguns aspectos da espiritualidade do tempo.

Vivemos em tempo de transição

O tempo em que vivemos é tempo de transição. Como era tempo de transição aquele que a comunidade lucana nos guardou na leitura que propomos. Tempo vivido à sombra da cruz. Tempo vivido na dor. O acontecimento é narrado com poucas palavras, dele se fala com sobriedade, mas é narração que guarda a memória de como as primeiras comunidades viveram à sombra da cruz. Memória de medo e esperança, de solidão e amores, de desilusão e anseio. Memória de um texto escrito com sobriedade, porque a dor exige palavras sóbrias, mas também marcado pela vergonha de ter traído, abandonado, fugido, e rico de perguntas, sentimentos, intuições. Isso nos convida a penetrar na vida do texto além das aparências.

São momentos vividos entre a Paixão e a Ressurreição. A sobriedade da escrita indica também certa reticência em contar, pois encerra intuição e incerteza, sentimento de vergonha por não terem entendido, não saberem como continuar agora que ele está ausente. É tempo longo de transição colorido pela dor e perda. Tempo chocante, de escândalo, mas tempo importante, pois é o único que podem viver naquele momento, é o presente. Tempo de transição que prepara a alegria, a realização do sonho.

Tempo longo de transição, de silêncio, porque o "Mestre dorme". Nesse tempo mais uma vez temos mulheres como protagonistas e somente a presença de um homem: José de

Arimateia. As mulheres inconformadas seguiram José e ficaram observando, quase que esperando...

Tempo de transição, de presença

O tempo de transição exige atitudes, a primeira delas é *estar presente*. As mulheres estão presentes, permanecem. Permanecer é verbo que as torna protagonistas, que as torna ponte entre a Morte e a Ressurreição, por isso se tornam Magistério e Tradição. Tempo de transição, tempo longo, pois estamos na presença de uma morte. Morte que exige resposta. As mulheres estão presentes. Ao estar presente, tornam-se sinais de continuidade. Ao permanecer, ao ser sinal de continuidade, fazem Tradição, Magistério. Magistério e Tradição se fazem estando presente. Magistério = autoridade: aquilo que a pessoa é. Tradição = autoridade: testemunham porque viram. João, a sombra feminina do discipulado, afirma isso no seu Evangelho: é testemunha quem vê — “Rabi (que quer dizer Mestre), onde moras?”. “Vinde e vede!” (Jo 1,38-39). Ver para testemunhar, como a samaritana: “Vinde ver [...]” (Jo 4,29). Como Maria Madalena, apóstola *apostolorum*, testemunhou porque viu, porque estava presente (Jo 20,18).

Tempo de transição, tempo de muito silêncio: voltam para casa. Voltar para casa, para o cotidiano. Tempo silencioso que não é tempo das solenidades. Quando uma pessoa amada morre, a morte e o enterro são tempos ativos, solenidades. Quando se volta para casa, quando tudo acaba, é o silêncio, a solidão, a ausência se torna concreta e aí o tempo se torna longo, pois se volta ao cotidiano. As solenidades falam alto, o cotidiano é o tempo que menos fala. Tempo de transição: silencioso, monótono, rotineiro, parece não ter novidade.

Tempo de solidão: saudade, a pessoa amada não está mais presente. Vem a tentação de fugir deste tempo através das compensações, alienando-se em movimentação, em palavras. Então, podemos escolher vivê-lo permanecendo para fazer Tradição e Magistério, para vivificar novamente a história, ou podemos fugir encontrando escapatórias.

Tempo de profundo mistério: mistério que não nos desloca nas nuvens, mas nos enraíza na terra, na vida. Esses eventos nos fazem sentir o peso e a fadiga de sermos humanos. Sentimos em profundidade a humanidade: os sentidos estão alertas, presentes, vigilantes. Apesar de tudo, o afeto faz permanecer. Somente o amor faz permanecer, faz perceber a importância de viver intensamente, de não ter medo da sensibilidade que faz aflorar os sentimentos, as recordações, do silêncio.

É o feminino que faz Tradição: a sensibilidade das mulheres as mantém acordadas e presentes, o amor as ajuda a vencer a vontade de fugir, como fugiram os discípulos. Uns se esconderam, se fecharam em casa, outro traiu e suicidou-se, um renegou e outros fugiram. As mulheres permanecem e, com elas, João, a sombra feminina dos discípulos. Porém é o feminino que faz Tradição e Magistério. Não são as estruturas, os dogmas, é a sensibilidade, o afeto que, uma vez em casa, não deixa sossegar, tem de voltar de madrugada para ver, tocar mais uma vez a divina presença no corpo morto de Jesus. Nesse tempo de transição há somente encontro de corpos, este é o mistério. O gesto de José de Arimateia é um gesto doce, o de aparar o corpo de Jesus que desce da cruz e o colocar num sepulcro novo. O gesto das mulheres que ficam olhando um corpo morto é rico de sensibilidade e amor, mas mais rico da presença divina.

Tempo de solidariedade ao redor da cruz, abraçadas ao redor de... É assim que nasce a circularidade. Não é um tempo passivo, é tempo que fala de solidariedade, de afeto, de acordar os sentimentos, de sensibilidade, e Lucas faz questão de dizer que voltam para casa para preparar algo.

Tempo de inventar os gestos

O tempo de transição é tempo de silêncio, de solidão, de mistério, de espera e de preparação. As mulheres ficam para ser ponte, Tradição, Magistério, e realizam isso cumprindo tarefas, gesticulando. Tempo de preparação: voltam para casa para preparar os perfumes. A relação passa através dos

gestos, dos símbolos: simbologia verbal, gestual, sacramental: celebrar.

Celebrar é um verbo ético, indica uma maneira de se pôr na história, de viver as situações, de se relacionar com as pessoas, de ler os contextos. Nossa formação nos leva a dividir: tempos de morte, de guerra, de violência, e tempos de vida; tempos comuns, cotidianos, e tempos festivos. Para Deus não há tempo morto, tempo comum, todo tempo é *kairós*, tempo da sua vinda.

As mulheres transformam o cotidiano em:

- Tempo de permanecer observando onde o corpo é colocado. O observar revela no olhar o afeto, a saudade, a falta do corpo amado, a dor de não poder fazer com calma todos os gestos que o corpo morto da pessoa amada exige.
- Tempo de permanecer para preparar os perfumes: gesto tradicional e próprio das mulheres. Gesto bonito que se insere na economia de Deus.
- Tempo de voltar de madrugada, num gesto que parece loucura, pois a pedra é grande e não sabem como removê-la, mas assim mesmo, no escuro, vencendo o medo, elas vão.
- Tempo de inventar os gestos que a Tradição cultural sugere. Apesar do medo, a criatividade brota, sugere.

As mulheres fazem reviver o gesto da unção de Betânia (Jo 12,1-8), dando ao permanecer novo significado, o gesto se torna atitude de quem não se resigna nem se deixa amedrontar.

Observam tudo: observar se torna o gesto da fidelidade. Voltam para casa para preparar os perfumes. Preparar os perfumes é gesto místico, ritual de amor, beleza, desperdício, por isso de gratuidade. Gesto que se torna profético e assume valor político.

Silêncio eloquente que tudo acorda: voltar para casa e preparar os perfumes; reconstruir a casa que prepara os perfumes, que espalha o perfume da Boa-Notícia (Mc 14,8-9).

Perfume que fala da beleza, de curar e sarar corpos. Perfume que na Bíblia expressa abundância, que fala de justiça, pois com ele será ungido o Messias.

As mulheres, ao preparar os perfumes, vivem a lógica do desperdício, da abundância e da profecia para que o corpo permaneça como sinal profundo de que algo deve ser mudado, de que o novo deve acontecer.

Tempo de preparar

Nosso tempo moderno não nos educa, perdemos a capacidade de gastar tempo em preparar, apreciamos as coisas que acontecem rapidamente.

No mundo de Deus nada acontece rapidamente, de improviso, tudo é preparado. Deus continua perdendo tempo preparando a humanidade, a criação, o seu encontro conosco. Continua preparando a ressurreição: não existe ressurreição sem preparação. A própria festa é feita depois de longos preparativos, que duram mais do que a festa.

Preparar é tempo de transição, por isso é dinâmico, longo, tempo em que se precisa permanecer. Hoje temos dificuldade para enfrentar os monstros do neoliberalismo, sobretudo temos dificuldade para viver lentamente, pois parece que se vive somente pisando no acelerador.

“Tudo é altar”, afirma Pablo Neruda. Somos nós que podemos transformar tudo em altar, se nossa vida se tornar um viver intensamente o cotidiano como se estivéssemos preparando algo de muito importante e vivendo a mística que o texto lido nos sugeriu.

Voltar para casa para poder preparar. Voltar para casa, para o cotidiano. Voltar para casa com as ideias renovadas sobre a casa, uma casa mais ampla, mais aberta, universal.

Tempo de apreender a ver o que vemos

A Palavra de Deus nos questiona, levanta muitas perguntas, umas vezes nos responde, outras vezes deixa as perguntas em aberto. Perguntar na perspectiva bíblica é sinal de fi-

delidade. Sinal que estamos saindo da nossa arrogância, de ter tudo claro e certo. Então, perguntar se torna sinal de crescimento.

As discípulas, ao voltar para o sepulcro de madrugada, vão carregadas de perguntas: quem rolou a pedra? O sepulcro está vazio? Para onde levaram o corpo? Onde buscar? (Lc 24,1ss). As respostas vêm do “nosso estar”. Voltaram. Que viram? Viram o sepulcro vazio, os panos dobrados, figuras estranhas que chamaram de anjos: viram o que havia, e a realidade era mistério. Ver o que se vê sem fantasias, pois a vida já é mistério.

“Que estás vendo, Jeremias?” (Jr 1,11-13). Jeremias nos ensina a ter esse olhar. Ele nos ensina a dizer o que vemos, o ramo de amendoeira, a panela fervendo falam da realidade e ao mesmo tempo do mistério presente na história. Estar para olhar o mistério de Deus na realidade.

O mundo moderno tem gosto pela novidade, novidade da moda, de correr atrás de mestres que apontam, de... Esquecemos que o Reino está dentro de nós, começa onde estamos (cf. Mc 1,14-15). E a comunidade de Mateus repete muito uma pergunta: “Onde te vimos, Senhor?” (cf. Mt 25,31-46). Ver o que vemos no cotidiano da vida.

Para ver, precisa-se apreender a atitude do silêncio que espera. Esperar para reconhecer, para encontrar sem possuir, como Maria Madalena no jardim (Jo 20,17). Encontrar não é possuir, é experimentar para anunciar. Patriarcas e matriarcas, nas suas andanças, experimentam Deus que caminha com eles. Ao encontrar o divino, constroem estelas, altares, dão nomes a lugares, mas continuam caminhando. Deixam marcas, sinais do encontro, do que experimentaram, mas continuam os caminhos.

Aprender a formular a pergunta: quando te encontramos? A resposta nós a encontraremos no aprendizado do silêncio e da oração. Do silêncio da prisão, João Batista manda perguntar: “És tu, aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?”. Jesus responde: “Ide contar a João o que estais ouvindo e vendo...” (Mt 11,2-6). Resposta imbuída de co-

tidianidade. O cotidiano é o tempo do mistério e o tempo que gera sede maior de aprofundar, de penetrar.

Lucas nos apresenta Zacarias mudo e ficará mudo até voltar ao cotidiano da casa e reconhecer os sinais que não reconheceu no templo (Lc 1,18-25). Não fica mudo porque pergunta. Fica mudo porque não reconhece os sinais. Perguntar é bonito, pois revela que aceitamos não saber tudo. Há perguntas sem resposta, ao formulá-las abrem-se os olhos, fazem enxergar: como é possível?... “Como acontecerá isso [como vou ser mãe], se eu não conheço homem? [...] Como mereço que a mãe do meu Senhor venha me visitar?” (Lc 1,34.43). Diante do estupor, da surpresa, Moisés exclama: “Qual é o seu nome?” (Ex 3,13-14). “Mostra-me a tua glória!” (Ex 33,18-21).

Na lógica bíblica o cotidiano é alteridade que, ao entrar em contato conosco, nos faz permanecer, manter os pés na realidade e não voar para a estratosfera. Cotidiano que gera perguntas e exige respostas.

O cotidiano se torna, para o ser humano, templo. O lugar concreto do encontro, do amor, onde celebramos a liturgia da vida (cf. Rm 12,1-2). No Sl 63,7 o fiel reza: “No meu leito te recordo, penso em ti nas vigílias noturnas”. No meu leito... Nos lugares familiares e humanos experimenta-se o mistério de Deus.

O sonho de Deus é fazer “casa” e este sonho se realiza no “cotidiano”: leito, comida, cozinha, pessoas, relações... São os lugares onde podemos viver plenamente e a partir daí fazer do universo a casa onde tudo o que vive tem lugar, onde todos(as) possam ter vida, e vida em abundância.

Vida Religiosa ou religiosidade da vida?

Viver o Evangelho com simplicidade e com poucos meios é uma opção mística e política para encontrar, hoje, o Senhor Jesus.

Urge fugir da tentação de olhar o passado com saudade ou nos fixar em nossa própria realidade, na vida de nossas

próprias Congregações. Deslocar-nos é a resposta às interrogações, apelos e desafios da sociedade moderna. Deslocar dos lugares de poder para ir ao deserto, para a periferia, não somente em sentido geográfico, mas para assumir e compreender a mentalidade da periferia.

O deserto, a periferia deve ser compreendida como lugar onde:

- ressoa a Palavra de Deus;
- fazemos memória de Jesus;
- brota protesto e nascem as propostas alternativas.

A tentação de nos estabelecer nos centros do poder é idolatria. A resposta a tal idolatria é a solidão. A experiência de solidão faz recuperar a dignidade e a responsabilidade de que a comunidade pertence ao único Deus.

Outra tentação é sentir-nos como quem possui a verdade, as pessoas, os bens. A resposta a essa tentação é a paciência de saber esperar pelas pessoas e pelos acontecimentos. É a consciência de que não possuímos toda a verdade, mas fragmentos de verdade. Por que queremos sempre saber tudo? Por que queremos sempre estar à frente, por que nos sentirmos sempre guias?

A Vida Religiosa sofreu e sofre a tentação de excluir a maioria, pensando-se como grupo escolhido, eleito, pertencendo a um estado de vida de perfeição e privilegiado. A resposta a essa tentação foi e é viver a misericórdia que acolhe e inclui.

À tentação de viver um Cristianismo acomodado, rico e ocioso, a resposta encontrada foi e é o trabalho solidário com a criação, a humanidade, realizar um trabalho ético em continuidade com a ação criadora de Deus.

Na caminhada da Igreja e da "Vida Religiosa" aconteceu algo negativo, criamos espaços privados. Espaços fechados: espaço do clero, dos(as) religiosos(as) e dos(as) leigos(as). Espaços privados onde cada grupo se encontra para se defender e para realizar coisas. Assim, construímos e mantemos a pirâmide em lugar do círculo.

O sonho de Deus é “formar casa”. Como cristãos e cristãs, devemos redescobrir a circularidade da vida, da história: a diversidade deve circular, a gratuidade deve ser cultivada. Isso nos leva a fazer uma opção: realizar o sonho de Deus de *formar casa dentro da realidade histórica*.

Fazer memória

Ao longo da história, fomos levados(as) a pensar que a vida cristã é dividida em grupos: religiosos(as) de um lado e os(as) do mundo do outro lado. Ao voltar às raízes, descobrimos que isso não é verdade, mas que a “Vida Religiosa” nasceu de uma intuição muito bonita, a de recuperar a vida em toda a sua religiosidade.

Fomos construindo muros, dividindo a realidade em problemática histórica e problemática espiritual. A grande problemática, hoje, é uma sociedade dividida que tem na sua base o fator econômico. Na realidade esta divisão econômica reflete em todos os aspectos da vida: no pensamento filosófico, na antropologia, no jeito de refletir sobre o ser humano e sobre o ecossistema, na própria maneira de ler a Bíblia e entender a religião. Precisamos abater esses muros, criar fissuras no sistema dominante, vencer a sede de possuir bens, pessoas, para compartilhar a sede de uma vida harmoniosa na realidade cotidiana.

O modo de pensar dividido penetrou na “Vida Religiosa”, cada Congregação está preocupada com seu carisma, como cultivá-lo, propagá-lo e perpetuá-lo. Isso é contrário à inspiração que fez brotar a “Vida Religiosa”: unir, não separar; restituir à maioria o que a minoria havia subtraído e apropriado.

Essas intuições desabrocham a partir do século II e vão até o século IV. Queremos redescobrir essas intuições originais, que são totalmente diferentes das que definem e identificam hoje a “Vida Religiosa”. Um primeiro aspecto a ser refletido diz respeito aos votos. Hoje os votos são como a identidade da Vida Religiosa, na sua origem não era assim. Tomamos em consideração alguns aspectos.

Nossos pais e nossas mães

A Vida Religiosa nasce no contexto histórico de uma Igreja que se vai estruturando. A partir de Constantino, o Cristianismo passa:

- de minoria a maioria;
- de diáspora a religião oficial;
- de cotidiano a público;
- de exclusão a reconhecimento;
- de perseguição a privilégios.

O Cristianismo virou religião de Estado. Isso mudou a vida das pessoas e mudou o sonho evangélico que havia no Cristianismo. Quem percebeu e intuiu tal mudança foram os(as) leigos(as). O vocábulo *leigo* vem de *laos*, que quer dizer maioria, povo. A vida religiosa tem suas raízes no meio da maioria, do povo.

A Igreja no Império Romano, inspirando-se no próprio Império, começou a organizar-se hierarquicamente, de modo piramidal. O sonho evangélico era o da circularidade, da vida eucarística, da comunhão que coloca em círculo os bens, os carismas e as pessoas. As Cartas de Paulo nos mostram de modo evidente tal circularidade eucarística (1Cor 11,17-34; 12,13).

Estabelecida a estrutura piramidal, foram surgindo os vários níveis da pirâmide: clero—povo—mulher—leigos... O termo *leigo* assume outro sentido, não mais *laos* — *maioria*, mas *os que não conhecem*. Ao desenhar a estrutura piramidal, a maioria fica embaixo, pois o espaço é maior; a maioria não pode estar em cima, quando um novo chega outro cai, pois não há espaço suficiente.

Leigos e mulheres estão ligados à mesma intuição, pois o religioso, ao assumir o sacerdócio, passa a fazer parte do clero. A mentalidade hierárquica prevaleceu e permaneceu formando a história. Precisamos voltar ao círculo, pois esta é a profecia que podemos oferecer à sociedade.

Que fez surgir os(as) novos(as) protagonistas dentro da história? Quais as intuições que moveram essas pessoas?

No Império Romano o clero, minoria, ocupava um espaço privilegiado, enquanto o povo, maioria, à margem, manteve vivo o sonho da circularidade evangélica. Antônio, que hoje nós chamamos Padre do Deserto, antes de ser abade era um leigo, de família de agricultores, que sonhou uma mudança radical e, assim, foi ao deserto. As primeiras Madres do Deserto eram, muitas delas, prostitutas(ídas) em busca de sua libertação, sair de uma situação de opressão e exploração vivida e experimentada em seu próprio corpo. Daí o convite a repensar a “Vida Religiosa” como “religiosidade da vida”. Repensar a estrutura piramidal para reconstruir a circularidade da vida, reconstruir a harmonia, as relações.

Repensar a “Vida Religiosa” é manter a separação? É a *fuga mundi*? Se entendermos fugir do mundo como fugir dos centros de poder, da estrutura, da hierarquia, da pirâmide, do egocentrismo, do homogenismo para reconstruir a circularidade, então é *fuga mundi*. Fugir do poder para reconstruir a história, onde o centro é a vida, onde ao redor do centro não se separa nem se divide, mas se criam espaços para cada grupo com sua diversidade e riqueza. Fugir para a vida, que tipo de vida? A vida é profundamente religiosa e por isso guarda no seu íntimo o mistério.

“[...] O que nós ouvimos, o que aprendemos, o que nossos pais nos contaram, não ocultaremos a seus filhos; mas vamos contar à geração seguinte [...]” Estas palavras do Sl 78,1-7 nos falam da Tradição. Tradição que vem do latim *tradere*, manter vivo na história. Tradição que não é tradicionalismo, pois Tradição é transmitir eventos, acontecimentos que narram, falam e mantêm viva a memória. Na casa se faz Tradição porque se fala e se dialoga, se faz memória, como nos transmitiu a comunidade joanina:

O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e o que as nossas mãos apalparam da Palavra da Vida — vida esta que se manifestou, que nós vimos e testemunhamos, vida eterna que a vós anuncia-

mos, que estava junto do Pai e que se tornou visível para nós —, isso que vimos e ouvimos, nós vos anunciamos [...] (1Jo 1,1-4).

Não se guardam coisas nem ideias, mas uma experiência, por isso estamos sempre apreendendo de novo. Tradição é partilhar uma experiência: o que vi, toquei, cheirei, experimentei no passado e que, ao narrá-lo, revive no presente, por isso é aprender sempre de novo a ler, a escrever, e isso é fazer memória. O momento histórico que estamos vivendo nos pede para fazer tradição. Não olhando o passado nem projetando o futuro, mas começarmos de novo a ler a história, a escrever a história, a narrar a história. A partir desta *re*-tradução da história podemos começar de novo a viver a circularidade, a capacidade de nos sentar e compartilhar a vida.

O que vislumbraram

Como nasce a “Vida Religiosa”? Nasce do desejo de viver o Evangelho na vida e na história sem muitas estruturas.

Esses homens e essas mulheres, ao começar a trilhar o caminho, o fazem a partir de intuições, vivem ao mesmo tempo um acontecimento histórico e de fé. Histórico porque deixaram na história suas marcas que provocaram mudanças. De fé, pois se fundamentaram na pessoa de Jesus de Nazaré. É um acontecimento de fé, místico e político, porque busca transformar estruturas e esquemas da sociedade. O Evangelho é um acontecimento místico-político porque é um convite ao amor, e o amor transforma.

A Vida Religiosa nasce dentro de uma busca. Então, se é busca, é caminho de fidelidade a Deus. Se for busca e caminho, tudo indica que a fidelidade não é estaticidade e sim movimento: fidelidade dinâmica. Busca é também gratuidade, pois sabemos de onde partimos, mas não para onde seremos conduzidos(as) nem o ponto de chegada. Isso é ainda mais forte se é busca e perseguição de um sonho, é deixar-se guiar pelo *Ruah*, que como “o vento sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai [...] (Jo 3,8).

O sonho, o anseio de viver a “Vida Religiosa” sem muita estrutura é desejo místico. Não vamos pensar na estratosfera, quem faz esta experiência mística são corpos de homens e mulheres, na vida cotidiana. Quem faz a experiência do mistério são pessoas, corpos que têm valor político, pois sua linguagem é uma linguagem social: é um estilo de vida alternativo dentro da sociedade. Os votos vieram depois, no início havia sinais, sacramentos. Vamos refletir sobre essas intuições.

Voltar à Galileia: deserto-periferia

Para perceber a novidade e a profundidade dessas intuições, é necessário colocar tal experiência no seu contexto histórico específico, pois precisamos ser fiéis à história. Uma coisa bonita do Cristianismo foi romper com a ideia do eterno retorno da história.

Refundação não é retornar, é fidelidade à história concreta. A saudade é uma tentação. Elias, Jesus, Maria nos ensinam que a experiência mística é sempre novidade. Olhar para trás, como no episódio de Sodoma e Gomorra, é virar estátua de sal (Gn 19,23-26). A “Vida Religiosa”, ou melhor, a “religiosidade da vida” não nasce do passado nem do futuro, mas é encontro do Senhor da vida na história presente: é a teologia e espiritualidade do cotidiano.

O poder que a Igreja obteve na era constantiniana mudou a organização da Igreja e esta gerou estruturas de exclusão. A nova situação provocou uma reação externa e outra interna: deslocar-se, afastar-se do centro do poder, ir ao deserto, acolher o convite do Ressuscitado de voltar para a Galileia (cf. Mc 16,7).

Na simbologia bíblica o deserto é:

- *Geográfico*: lugar deserto, periferia no sentido físico e mental, longe do poder.
- *Mentalidade*: assumir a mentalidade do deserto, isso exige conversão, pois é novo olhar sobre a vida, deslocamento do centro para periferia.
- *Sacramental*: memória da história do povo no deserto. É memória afetiva: acorda a experiência do deserto; é me-

mória efetiva, pois eles não têm livros, não levam nada, não precisam, pois guardam e fazem memória.

- *Sensibilidade*: o silêncio, a ausência, a solidão aperfeiçoa a sensibilidade, a atenção e a percepção.
- *Protesto e proposta alternativa*: desprezo para um “certo mundo”; não se pode servir a dois senhores, a dois mundos (cf. Mt 7,24). O protesto é para voltar e centrar a vida no Evangelho, criticar certo modelo de ser cristão, deslocar-se para ser livre e viver um projeto de vida alternativo.

É busca amorosa do mistério: mística e política, proposta de vida da maioria, não de um pequeno grupo de elite. Hoje, quando falamos de leigos, dizemos “leigos empenhados” para indicar pequenos grupos que desempenham tarefas, trabalhos. Precisa-se restituir a leigos e leigas seu verdadeiro sentido de ser: maioria, Igreja, Povo de Deus.

Experiência de solidão

O Cristianismo oficial era mesclado com o poder, tornando-se idolatria, criando dependência e hierarquização da vida. Em resposta a essa idolatria, brota a intuição da solidão. A solidão como resposta para recuperar a identidade e redescobrir a responsabilidade histórica. A dependência e a hierarquização roubam a identidade, a independência e a responsabilidade. Em uma Igreja que precisa do e se apoia no poder, que depende de privilégios, a solidão recupera a dignidade, com isso sua identidade e responsabilidade na história.

A solidão é experiência de:

- anti-idolatria;
- servir a um só Senhor;
- caminhar na história sem apoios.

A solidão não tem fim em si mesma, deve levar a comunidade, as pessoas a viver a circularidade. A caminhada do profeta Elias é profundamente inspiradora neste sentido, basta lembrar as experiências de solidão que experimentou no Carit, em Sarepta, no Carmelo, mas sobretudo em seu

caminho de volta ao Horeb (1Rs 17-19). Essas experiências de solidão o tornam mais sensível à ação de Deus na história, dão-lhe um novo olhar, não está só, não é um herói isolado, mas há outros que compartilham a fidelidade a Yahweh.

A comunhão com o sonho de Deus somente é possível numa experiência profunda de solidão, que torna capaz de solidariedade e responsabilidade histórica.

Esperança se torna paciência histórica

O Cristianismo oficial alimentava o desejo-prensa de possuir: espaço na história, difundir-se rapidamente e, em consequência, poder, bens, pessoas, coisas, verdade. Alimentava o desejo de ser religião reconhecida e ser maioria. O Cristianismo possessivo orienta para a vivência de uma fé possessiva e dependente. Como resposta, nasce a atitude de espera, que equivale a saber ter paciência. Paciência que não é penitência, não é passividade. É saber esperar o tempo oportuno, o ritmo das pessoas, as coisas, os eventos da vida, sejam intelectuais, físicos ou afetivos, pois a paciência é fidelidade ao tempo, às pessoas e ao caminho histórico dos grupos e povos. As parábolas da semente, do joio e do trigo, do fermento nos ajudam a compreender melhor o que significa paciência histórica (Mt 13,1-43). O Reino tem sua própria dinâmica, sua força, precisamos aprender a esperar o tempo da colheita, o tempo necessário para a massa descansar e o fermento cumprir sua missão.

Viver no ventre da misericórdia

Em uma Igreja que sempre mais criava estruturas de exclusão, animada por ideias moralísticas que dividiam entre bons e maus, perfeitos e imperfeitos, aponta como resposta a misericórdia que acolhe e que se torna experiência de inclusão. É movimento circular, feminino, de útero, ventre que acolhe. Homens e mulheres fazem a experiência de viver porque estão dentro do ventre, do útero que é a misericórdia de Deus. Ex-prostitutas que vão ao deserto e fazem tal experiência liberatória e se tornam mestras dos anacoretas homens, que eram mais intelectuais e construía a ima-

gem de Deus à sua própria imagem, criando a tentação de se acharem perfeitos. As mulheres, a partir da experiência de seus próprios corpos, aprofundam e experimentam um Deus profundamente misericordioso, pois é Mãe que acolhe em seu ventre e as faz novas. Fazem experiência e testemunham a misericórdia, pois é a experiência que inclui pessoas, coisas, acontecimentos.

Trabalho: solidariedade com a criação

Ao se tornar Igreja oficial, o Cristianismo se torna Cristianismo das famílias ricas e intelectuais, por isso rico e ocioso. Esse Cristianismo suscita a resposta do trabalho vivido como solidariedade com a criação. Acorda a memória das primeiras páginas do Livro do Gênesis, Deus que cria o ser humano e lhe confia a tarefa de proteger, cultivar e colocar de pé a criação. Nessa visão, o trabalho é atitude ética de solidariedade que protege a criação, a história, e nos livra do individualismo.

Querem viver a experiência da nudez de Cristo, que ao se encarnar se solidariza com a criação e a humanidade. Tais motivações bíblicas são alimentadas pela saudade de uma vida profundamente sóbria.

Egíziaca, mulher que deixa a prostituição e vai ao deserto viver na solidão, expressa profundamente essas intuições. Um dia, um Padre do Deserto, em sua peregrinação, a vislumbra de longe, pensa que é um leão, mas ao aproximar-se descobre que é um ser humano. Vai perto da gruta onde ela vive e a chama, a convida a sair ao seu encontro, mas ao seu chamado ela responde: “Não posso sair da caverna, pois sou uma mulher e estou nua”. Ao dizer isso, ela conta sua história: “Não tenho outra coisa senão meu corpo e meu Senhor”. Nada mais tem além de sua identidade de mulher e seu Senhor. O anacoreta voltou a visitá-la para aprender com ela tal experiência de misericórdia, de identidade, de nudez.

Circularidade: paz messiânica

Essas quatro intuições têm como objetivo a paz messiânica.

Há uma urgência hoje, a de realizar o sonho que a “religiosidade da vida” encerra: a paz messiânica. Nossa herança é esse sonho da paz messiânica, um estilo de vida que reconstrua as relações entre as pessoas, os povos, a natureza, a sociedade, entre nós, assim como o encontramos em Is 9,7-9: a convivência harmônica dos(as) que parecem inconciliáveis. Esta é a santidade: saber conviver, estar juntos(as) com nossas diversidades e diferenças. Sonho de paz messiânica repleta de gratuidade, pois nos faz sair da separação, do gueto do nosso carisma, que gera olhar de separação, competição, desconfiança.

Na Igreja foram escritos tratados para falar da “Vida Religiosa” como estado de perfeição, enquanto temos de viver esta profunda intuição: recuperar o sonho de Deus, que é sonho de gratuidade e misericórdia, da religiosidade da vida.

Um salmo islâmico sufista ora:

Que o herético continue com sua heresia

E o ortodoxo com sua ortodoxia

Eu, o teu fiel.

Sou somente um comprador de perfume,

Um que necessita da essência da rosa e do divino amor.

Ser caçador(a) de perfume, como a mulher de que a comunidade de Marcos guardou a memória (Mc 14,3-9). Com ela recupera-se uma espiritualidade totalmente gratuita para tornar nossa mística um empenho de fé místico-político na história.

Redescobrir a mentalidade da periferia nos ajudará a viver em fidelidade dinâmica ao sonho de Deus. Redescobrir a nossa identidade na solidão ou a solidão como experiência de identidade e recuperar a responsabilidade da história. Redescobrir uma maneira paciente de estar entre nós nas relações interpessoais, com as coisas, com a criação, com as culturas, com Deus. Redescobrir o movimento circular: estar dentro do útero que é a misericórdia de Deus. Redescobrir a responsabilidade do trabalho como atitude de

cuidar um dos outros, das outras, das exigências da natureza, da criação. Redescobrir que temos de parar de dividir o mundo em público e privado, místico e político, e recomençar a pensar a história e a vida na sua circularidade, na sua religiosidade.

Este artigo continua no próximo número.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Quais as ideias que despertaram minha atenção?
2. Quais os pontos com os quais me senti em sintonia?
3. Quais os pontos que ficaram duvidosos e gostaria de aprofundar?
4. Como essas ideias abrem horizontes para Vida Religiosa Inserida?
5. Que sentimos bater fundo lá no coração?



CRB

Quadro Programático da CRB 2007-2010

HORIZONTE

Em meio às profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos interpela: avancem (Ex 14,15). Acolhemos esta Palavra como discípulas e discípulos de Jesus Cristo, na mística da encarnação e no testemunho profético a serviço da vida, especialmente a dos pobres e excluídos, partilhando, com espírito missionário, a razão da nossa esperança (1Pd 3,15).

PRIORIDADES

- 1.** Reafirmar o compromisso da VRC no serviço à vida, diante das grandes questões sociais e ambientais; e fortalecer a inserção nos meios populares e em novos espaços de solidariedade e cidadania.
- 2.** Cultivar uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero.
- 3.** Dinamizar a formação inicial e continuada diante da mudança de época, de forma integral, humanizante e geradora de novas relações.
- 4.** Ampliar as alianças intercongregacionais, as redes e parcerias, na formação e na missão, e intensificar a partilha dos carismas com leigos e leigas.
- 5.** Buscar novas formas de aproximação e presença junto às juventudes.